

Ministério

Uma revista para Pastores e Obreiros

Janeiro-Fevereiro de 1999



O Evangelismo e a Nova Era



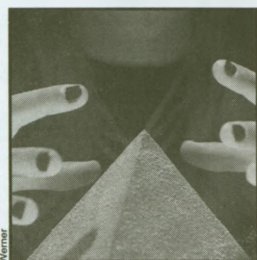
Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

ARTIGOS

11 UMA QUESTÃO DE PRINCÍPIO

A música no serviço de adoração.



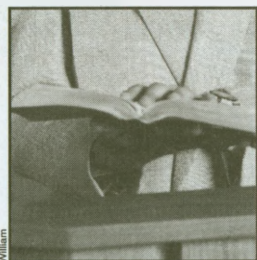
13 O EVANGELISMO E

A NOVA ERA

Segredos para evangelizar adeptos do movimento Nova Era.

16 ISTO É INEVITÁVEL

Em algum momento o pastor experimenta alguma frustração.



19 COMO PREGAR A PALAVRA

O pastor é pago para amar o povo, estudar a Bíblia, e lhe dar a mensagem de Deus.

25 A FORÇA DO EVANGELISMO

Conferências públicas motivam igrejas em Campinas e Manaus.

27 A ESPADA DE PÉRGAMO

Há uma razão especial pela qual a espada da igreja de Pérgamo tinha dois gumes.

SEÇÕES

3 EDITORIAL

4 ENTREVISTA

7 AFAM

8 PONTO DE VISTA

22 IDÉIAS

30 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

31 LIVROS



Ano 70 – Número 01 – Jan./Fev. 1999
Periódico Bimestral

Diretor Geral: Wilson Sarli; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Zinaldo A. Santos; **Revisoras:** Ildete Silva e Mercedes Campos; **Editor de Arte:** Wilson Almeida; **Diagramação:** Jobson Santos;
Colaboradores Especiais: Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Antônio Moreira; Mário Valente; José S. Ferreira; Izéas Cardoso; **Capa:** Heber/ Fotos A.F.C.

5499/5604

Visite o nosso site: www.cpb.com.br
Serviço de Atendimento Direto: saa@cpb.com.br
Redação: redacao@cpb.com.br
Ministério na Internet: www.mensagem.com/ministerio

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600; CEP 70279-970, Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
EDITORA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA
Rodovia SP 127 – km 106 – Tatuí, SP – 18270-000

A regra áurea



Segundo uma lenda grega, ao criar as cidades, Zeus presenteou suas criaturas com duas virtudes: o senso de justiça e o senso de vergonha. Com isso acreditava ser possível a boa convivência entre os homens. A justiça limitaria direitos e deveres do cidadão. A vergonha serviria para equilibrar a ambição, a vaidade e a fúria desmedidas das pessoas. Caso Zeus tivesse existido além da mitologia pagã, e o relato fosse verdadeiro, veria hoje seu objetivo sendo questionado.

Um estudo sobre a vergonha, realizado pela psicoterapeuta Maria Amália Faller Vitalle, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, revela, por exemplo, que a mulher, hoje, enrubescer por não trabalhar fora. A virgindade constrange quem ainda a conserva. Indivíduos entre 20 e 40 anos sentem mais vergonha por fracassos profissionais do que por falhas morais. São conclusões que atestam a inversão de valores tão comum nos dias atuais. E que parece influenciar mesmo algumas lideranças mundanas, afoitas pelo ganho material e pelo apego ao poder. Na corrida para alcançar seus propósitos, não

conhecem limites nem critérios. Astúcia, retaliação, autoritarismo, desconsideração pelo ser humano, acusações e vingança são a marca registrada de suas ações. A ética vira pó.

“Convosco não será assim”, diz o Mestre aos Seus pastores. A justiça estará presente no julgamento de terceiros e na tomada de decisões. O senso de vergonha ajudará a nortear o comportamento diante do que é errôneo e indigno. A ética, conceituada como o “estudo dos valores morais e dos princípios ideais da conduta humana”, terá seu lugar. Nesse contexto, brilham novamente as palavras de Cristo: “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles.” (Mat. 7:12). Isso resume a ética cristã e ministerial.

Como tornar prático esse princípio? Tendo como lema seguir o exemplo de Jesus: “O Salvador nunca suprimiu a verdade, mas disse-a sempre com amor. Em Suas relações com outros, exercia o máximo tato, e era sempre bondoso e cheio de cuidado. Nunca foi rude, nunca proferiu desnecessariamente uma palavra severa, não ocasionou jamais uma dor desnecessária a uma alma sensível. ... Toda alma era preciosa aos Seus olhos. Conduzia-Se com divina dignidade.” (*Obreiros Evangélicos*, pág. 117). Eis aí um excelente auxílio no trato com subalternos e companheiros de trabalho.

E mais: “Se teu irmão pecar, vai argüí-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça. E, se ele não atender, dize-o à Igreja; e, se recusar ouvir também a Igreja, considera-o como gentio e publicano.” (Mat. 18:15-17). Esse princípio é válido também no trato com algum colega que sabemos estar em erro.

Não é a divulgação de faltas reais ou supostas que restaurará alguém, mas o acolhimento com sincero desejo de ajudar; a mão estendida como auxílio a uma pessoa para reerguer-se de um tropeço ou queda.

Benjamin Franklin, carente de tato em sua juventude, chegou a ser tão diplomático, tão capaz no trato com as pessoas, que foi nomeado embaixador norte-americano na França. O segredo do seu êxito estava num lema pessoal: “Não falarei mal de ninguém, e de todos direi tudo de bom que souber.”

Finalmente, lembramos a magnanimidade de Abraham Lincoln. Um dentre seus adversários, Edwin Stanton, certa vez chamou-o de “palhaço vil e intrigante, gorila indomável”. Apesar disso, Lincoln o escolheu para secretário de Defesa em seu governo, dizendo considerá-lo o mais capaz e idôneo para a função.

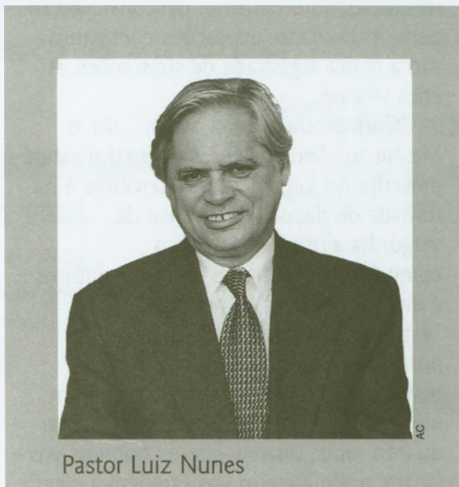
Quando informado por um amigo que, no exercício de suas funções, Stanton o tachara de louco, Lincoln respondeu tranqüilamente: “Ele disse isso de mim? Então deve estar certo, pois Stanton raramente se engana.” Não admira que, posteriormente, arrependido junto ao esquife de Lincoln, Stanton declarasse: “aqui jaz o maior líder que já conheci.” A atitude de Abraham Lincoln poderia ajudar muitos líderes na formação de sua equipe de trabalho. Evidentemente, ninguém dirá que é fácil reagir com magnanimidade. Quando nos sentimos agravados, o primeiro impulso é sempre pagar com a mesma moeda, a antiga lei do talião de “olho por olho e dente por dente”. Mas o cristianismo trouxe ao mundo um princípio mais elevado e nobre: “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles.” – Zinaldo A. Santos.

Vencendo as crises

ZINALDO A. SANTOS

Que instituição gerenciada por homens não viveu momentos de tensão e crise? Com a Igreja não é diferente. Instituída por Deus, e por Ele dirigida num plano cósmico, conta com a participação humana na administração dos seus negócios em sua trajetória terrestre. E, não raro, lhe imprimimos a marca da nossa limitação, gerando crises. Foi assim desde os dias de Moisés, como líder do povo de Deus. A Igreja apostólica também viveu momentos críticos, após a ascensão de Jesus Cristo. Crises eclodiram em Jerusalém (Atos 10; 11:1-18), Antioquia (Atos 15:1-32; Gál. 2:11-14), Filipos (Fil. 3 e 4), além daquelas verificadas na igreja de Corinto.

O adventismo não fugiu à regra. E é sempre bom lembrar que a existência de uma situação crítica não desautoriza a Igreja nem deve ser motivo de escândalo. Nas crises do passado, Deus em momento algum abandonou o Seu povo. Como disse alguém, "Deus não está em crise, mas está sempre presente na crise", ajudando, fortalecendo, possibilitando uma nova visão da debilidade humana e da fortaleza que Ele é. Presente nas crises do Seu povo, o Senhor lhe concede uma rica experiência de dependência dEle e da sabedoria do Espírito. O importante é que a Igreja, nos momentos de tensão, seja submissa à vontade e direção divinas para encontrar saídas e soluções acerta-



Pastor Luiz Nunes

das, prosseguindo para a vitória final no cumprimento da sua missão.

O Pastor Luiz Nunes, num estudo comparativo das crises enfrentadas pela Igreja Apostólica e pela Igreja Adventista, tira lições dignas de profunda reflexão. Esse estudo é, na verdade, sua tese doutoral, defendida em maio do ano passado, no Seminário Adventista Latino-americano de Teologia do Instituto Adventista de Ensino.

Depois de trabalhar como pastor distrital e evangelista (1975-1987), nas Regiões Nordeste e Norte do Brasil, desde 1988 o Pastor Nunes serve como professor do Seminário teológico do Instituto Adventista de Ensino do Nordeste. De lá, compartilhou suas conclusões na entrevista que segue:

Ministério: *O que representou ser o primeiro pastor a concluir o curso no programa doutoral aqui do Brasil?*

Dr. Luiz Nunes: Para mim, foi um duplo sentimento: primeiro, de gratidão e reconhecimento a Deus; pois, sem nenhuma dúvida, esta experiência foi um privilégio que Ele me concedeu. Essa expressão de gratidão e reconhecimento também inclui

peçoas que estiveram me ajudando diretamente, como foi o caso da minha esposa e do Dr. Alberto R. Timm. O segundo sentimento é o de realização pessoal. Usufruí a satisfação de concretizar um sonho.

Ministério: *Qual foi o tema da tese que o senhor defendeu para a conclusão do curso?*

Dr. Nunes: A tese está fundamentada em uma análise comparativa entre crises similares da Igreja Apostólica e da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Então demonstramos a maneira como essas crises afetaram o desempenho missiológico da Igreja respectivamente em ambos os períodos.

Ministério: *Qual o motivo que o levou a escolher esse tema?*

Dr. Nunes: Toda a minha juventude e vida adulta, dentro da Igreja Adventista, foram dedicadas à evangelização. Tive o privilégio de trabalhar como obreiro bíblico, antes de cursar Teologia; posteriormente fui pastor distrital e evangelista. Em 1988, vim para o laene como professor de Evangelismo Público. De modo que dediquei quase toda a minha vida ministerial a este propósito. Então imaginei que, nesta fase final, poderia oferecer à Igreja uma reflexão que pudesse contribuir, de alguma forma, para o cumprimento da missão. Essa foi a motivação que encontrei.

Ministério: *Como se desenvolveu a estratégia da pesquisa? Foi fácil conseguir os dados?*

Dr. Nunes: A estratégia consistiu em analisar e comparar os dados históricos e teológicos da História da Igreja Cristã

Apostólica e da História da Igreja Adventista do Sétimo Dia, referentes às crises estudadas. As informações necessárias foram encontradas na biblioteca do Instituto Adventista de Ensino, campus central, no Centro de Pesquisa Ellen G. White e na biblioteca particular do Dr. Alberto R. Timm. Não encontrei grandes dificuldades neste particular.

Ministério: *Quais as principais crises que o senhor identificou na Igreja Apostólica?*

Dr. Nunes: Para se fazer uma análise comparativa de dois momentos históricos que estavam separados por aproximadamente 1.800 anos, foi necessário que as crises desses dois períodos tivessem uma relação de similaridade. Por isso as crises escolhidas foram as seguintes: crise de decepção, missiológica, soteriológica, de autoridade e crise escatológica.

Ministério: *Poderia dar uma visão um pouco mais amplificada dessas crises?*

Dr. Nunes: Como já disse, há entre as crises vivenciadas nos dois períodos (Igreja Apostólica e Igreja Adventista do Sétimo Dia), uma relação de igualdade: na natureza básica das crises, na causa comum a todas elas, a perspectiva conceitual errônea e na tendência fragmentária do corpo eclesial. A semelhança de natureza das decepções apostólica e milerita é salientada por Ellen G. White, ao dizer que “o desapontamento dos discípulos bem representa o desapontamento daqueles que esperavam o seu Senhor em 1844” (*Spiritual Gifts*, pág. 149). O mal entendimento das profecias messiânicas, entre os primeiros cristãos, e do significado da palavra santuário, entre os mileritas, causou respectivamente as decepções apostólica e milerita. A diferença das crises de decepção se deveu ao grau de intensidade do desapontamento, uma vez que a decepção apostólica foi mais dramática do que a milerita, pelos elementos históricos envolvidos antes e depois do evento. Apesar de mais dramática, a crise apostólica foi mais curta e a fragmentação mais passageira. Enquanto a decepção milerita foi mais longa, causando uma fragmentação permanente e definitiva, levando o movimento a diferentes ramificações. A suplantação da crise na Igreja Apostólica evidenciou-se pela sua unidade e eficiente evangelização realizada em Jerusalém pelos primeiros cristãos. Já a tendência separatista dos círculos ex-mileritas foi vista por Ellen White, como causa

fundamental das dificuldades missiológicas das diversas facções que surgiram do movimento. Cada crise analisada comparativamente entre os primeiros cristãos e os adventistas do sétimo dia seguiu muito de perto esse padrão.

Ministério: *Como o senhor pessoalmente avalia a natureza dessas crises; como as conceitua?*

Dr. Nunes: As crises são simultaneamente momentos de oportunidade e de tensão entre elementos antagônicos, cujo desenrolar tem uma influência missiológica. A suplantação da crise pode ter uma conseqüência negativa ou positiva sobre a teologia e sobre a missão, dependendo da maneira como ela seja administrada por aqueles que são seus responsáveis mais diretos. As crises analisadas tinham, inicialmente, uma natureza teológica, com conseqüências missiológicas que ocorreram dentro de um arcabouço histórico bem delineado.

Ministério: *Quais foram as implicações práticas dessas crises na vida da Igreja?*

Dr. Nunes: As crises ameaçaram o conteúdo da mensagem que deveria ser pregada, ou o próprio desempenho da missão. Isso em virtude da tendência desagregadora que cada uma delas possuía. Devemos ressaltar, no entanto, que as crises não possuem, apenas, um sentido negativo. Elas também são instrumentos que o Senhor pode usar para fazer despertar Seu povo da letargia na qual, porventura, se encontre.

Ministério: *Exemplifique como a missiologia foi prejudicada pelas crises enfrentadas.*

Dr. Nunes: Nos dias apostólicos, a missão foi prejudicada por cerca de dez anos em virtude do preconceito dos primeiros apóstolos. Como judeus, eles entendiam eleição como favoritismo, e sua missão era exclusiva para o povo judeu. Foi necessária a visão especial dada a Pedro para que esse apóstolo perdesse seus preconceitos e evangelizasse Cornélio. Pelo mesmo motivo Deus permitiu as perseguições judaica e romana, para tirar os primeiros cristãos de Jerusalém, a fim de que eles evangelizassem o mundo. Mesmo assim, encontramos Pedro, depois do Concílio de Jerusalém, alimentando preconceitos, conforme relato da carta aos gálatas. A primeira iniciativa espontânea de evangelização de gentios por judeus ocorre em

Atos 11:19 e 20, aproximadamente dez anos depois do Pentecostes. Na Igreja Adventista do Sétimo Dia, devido à teoria da porta fechada, advogada pela maioria dos egressos do milerismo, a missão foi prejudicada por cerca de 50 anos. A Igreja somente vislumbrou países não cristãos, como alvo de sua missão, no fim do século 19 e começo do século 20; portanto, quase cinco décadas após seu início profético em 1844. O mesmo se pode dizer da crise soteriológica de 1888, quando Ellen White declarou que a falta de harmonia interna tinha prejudicado o objetivo missiológico de Deus para com Seu povo (RH, 22/11/1892). O objetivo era que, sob a luz da mensagem de justificação pela fé, o povo adventista evangelizasse o mundo e Cristo voltasse então. Isso não foi possível naqueles dias, mas é nosso desafio hoje, como indivíduos e como Igreja.

Ministério: *De que maneira as crises foram administradas e solucionadas?*

Dr. Nunes: Na Igreja Apostólica, especificamente, as crises foram quase todas tratadas de forma apropriada, com exceção da crise missiológica. Para que ela fosse suplantada de maneira positiva, foi necessário desarraigat os preconceitos existentes entre os primeiros cristãos, devido à sua origem judaica. Esses preconceitos foram originados, como já mencionei, em uma compreensão errônea da idéia de eleição, entendida como favoritismo. Esse paradigma passou aos apóstolos e aos primeiros membros da Igreja Apostólica na Palestina, por serem todos eles judeus. Já na Igreja Adventista do Sétimo Dia, não se pode dizer o mesmo. As crises tiveram soluções tardias, ou foram evitadas pela manipulação da autoridade com base em conceitos equivocados como por exemplo, a função da Lei no livro de Gálatas. Há outras que ainda estão sendo vivenciadas com certa dificuldade, como a discussão em torno da natureza humana de Cristo, as diversas linhas soteriológicas na década de 90, a crise de autoridade e a escatológica. Louis Were, por exemplo, viveu na década de 50 e advogava que o Armagedom era um conflito sobrenatural, cósmico e universal, enquanto a posição tradicional da maioria dos adventistas era que se tratava de uma guerra localizada no Oriente Médio, ponto de vista este ensinado por décadas, principalmente por Uriah Smith, que identificou o secamento do rio Eufrates como a destruição da Turquia. Esse acontecimento antecederia a grande bata-

Iha final do Armagedom, nas proximidades de Jerusalém, e culminaria com o segundo advento. Tentando resolver a questão, W. H. Branson, então presidente mundial da Igreja, convocou uma conferência bíblica, em 1952, quando confirmou a posição histórica dos adventistas do sétimo dia, popularizada por Uriah Smith, silenciando assim Louis Were. Apesar de toda oposição, a linha profética de Were tornou-se eventualmente a mais aceita nos círculos adventistas. Mais uma vez o uso da autoridade prejudicou a Igreja numa compreensão mais clara da verdade profética, que sempre foi uma de suas mais relevantes motivações missiológicas. Com o passar dos anos, a posição de Uriah Smith tende a desaparecer, pois careceu de base histórica. A Turquia foi vencida na guerra e não houve nenhum confronto mundial, no Oriente Médio, por causa desse fato.

Ministério: Há paralelo com a Igreja Apostólica, nesse sentido?

Dr. Nunes: Seja qual for o tipo de crise, é preciso administrá-lo com espírito de oração, humilde busca de sabedoria, submissão a Deus e firmeza para enfrentar heresias. A má condução de um processo de crise tem causado retardamento no cumprimento da missão.

Ministério: A existência de crises compromete a autenticidade de um movimento religioso, de sua mensagem?

Dr. Nunes: Como já afirmei anteriormente, muitas vezes a crise é a forma de Deus reconduzir Seu povo ao caminho certo, se esse povo coloca-se sob Sua orientação. Gostaria de compartilhar uma declaração de Ellen G. White, segundo a qual "o fato de não haver controvérsias ou agitações entre o povo de Deus, não devia ser olhado como prova concludente de que eles estão mantendo com firmeza a sã doutrina... Deus despertará Seu povo; se outros meios falharem, introduzir-se-ão entre eles heresias, as quais os hão de penear, separando a palha do trigo". Isso está na 5ª edição do livro *Testemunhos Seleto*s, volume dois, páginas 311 e 312. Nenhuma das crises analisadas comprometeu de forma definitiva a autenticidade do movimento adventista. Deus sempre esteve, como está e estará com Sua mão ao leme.

Ministério: Que lições o senhor gostaria de partilhar com os leitores, depois das conclusões a que chegou em seus estudos?

Dr. Nunes: Vivemos num aprendiza-

do constante. De tudo isso, podemos concluir que necessitamos nos afastar de dois extremos: o primeiro diz respeito à tendência ufanista que não percebe a realidade dos fatos históricos. Precisamos encará-los com humildade e naturalidade. O segundo extremo é o da crítica destrutiva, que tem prazer em identificar erros, mas não apresenta soluções. Ou porque não as tem mesmo, ou porque a crítica é feita por motivos absolutamente censuráveis. Apesar das circunstâncias vividas pela Igreja, em sua trajetória no mundo, serem bastante difíceis, não se pode deixar de ter em mente duas verdades paralelas: uma adverte e uma esperança, que de fato

são uma certeza. Em primeiro lugar, Deus não está limitado pela dependência interminável da vontade do povo remanescente em realizar Sua missão final na Terra. Nosso Senhor tem planos alternativos. No livro *Mensagens Escolhidas*, volume um, à página 118, Ellen White afirma que "Deus empregará instrumentos cuja origem o homem será incapaz de discernir; os anjos farão uma obra que os homens poderiam haver tido a bênção de realizar". Por outro lado, no livro *Evangelismo*, página 692, ela igualmente declara que "a verdade há de em breve triunfar gloriosamente, e todos quantos agora escolhem ser cooperadores de Deus, com ela triunfarão".



Agenda, ferramenta indispensável do Líder Eficaz

Nova, diferente, eficaz!
Adaptada às mais diferentes atividades pastorais, é também de grande utilidade para anciãos e oficiais da igreja.

Contém:

- ✓ Calendário eclesiástico denominacional
- ✓ Escala e controle de pregação de sermões
- ✓ Espaço para anotações de assistência pastoral, espiritual e administrativa
- ✓ Estudos bíblicos para ocasiões especiais

Use-a em 99. Coloque nas mãos dos anciãos e veja a diferença no desempenho de sua liderança!

RedArte redação e arte a serviço da Missão Global

Cx. Postal 821 - CEP 13140-990 - Paulínia, SP
Tel.: (019) 884-1101 - E-mail: derlanes@nutecnet.com.br

Por preceito e por exemplo

SONIA RIGOLI

*Diretora do Ministério da Mulher,
na Associação Paulista Central*



O mundo vai de mal a pior. Essa é uma afirmação muito ouvida, apesar de bastante pessimista. Não deixa, entretanto, de ter um alguma verdade, porque o mundo vive uma inversão de valores. As palavras de ordem são liberdade, igualdade, originalidade, direitos humanos; mas, infelizmente, os resultados não condizem com a grandeza do seu significado.

A tão propalada liberdade, por exemplo, tem gerado libertinagem, levando algumas pessoas a buscarem satisfação egoísta em detrimento das necessidades e da segurança de outros semelhantes. Em nome da liberdade, hoje, coibe-se, afronta-se, destrói-se mesmo qualquer coisa ou pessoa que represente ameaça a objetivos egoístas. No casamento, essa falsa liberdade tem gerado um crescente número de divórcios. Abusos emocionais, físicos e até mesmo sexuais acontecem com frequência.

Na política, o novo conceito de liberdade tem levado países a supervisionar, invadir territórios, desconsiderar soberanias, gerando ódio e conflitos que, por sua vez, têm como conseqüência fome, miséria, dor e sofrimento. Nas áreas educacional e social, a falsa liberdade é responsável pelo desrespeito às autoridades, dilapidação de patrimônio, invasão de privacidade.

Atuação feminina

Mas o descalabro não precisa ser deixado a correr solto. É preciso dar um basta à situa-

ção; e, não tenho dúvidas, a mulher tem uma força hercúlea na promoção das mudanças necessárias. Deus tem um plano especial para ela, no sentido de elevar a mente de homens, crianças e jovens para temas espirituais. E sempre que estiver submissa ao ideal divino, o propósito do Senhor será cumprido. Por outro lado, sempre que der ouvidos às insinuações satânicas para afastar-se do ideal de Deus, infelicidade e degradação serão os resultados da sua escolha.

Pensando de maneira prática, de que forma poderá a mulher contribuir para melhorar a condição espiritual do mundo? A palavra básica é educação. E isso deve começar cedo, em se tratando de crianças. Desde o berço, o bebê começa a impor sua vontade própria. Caso essa vontade seja alimentada, a criança crescerá incapaz de dominar-se. O bebê deve ser atendido em suas necessidades de alimentação, higiene e estímulo, não devendo ser-lhe permitido, no entanto, que manipule os pais.

Um grande problema quanto à educação de crianças é o tempo de exposição a programas televisivos. As idéias permissivas da Nova Era tão bem infiltradas nos desenhos animados, a violência das cenas, jamais contribuirão para a boa formação moral de nossas crianças. Ademais, as apresentadoras de programas infantis geralmente exploram a sensualidade, razão pela qual as crianças estão amadurecendo sexualmente antes do devido tempo.

Educação infantil também envolve hábitos de alimentação. Quando uma criança está chorosa, que faz sua mãe? Alimentar-a. Se chorar novamente, receberá mais algum alimento para entreter-se. E assim recebe balas, biscoitos, salgadinhos, chocolates, refrigerantes, etc. Todos sabemos que alimentar-se de maneira irregular, não dando tempo para que o alimento seja processado, leva à irritação. Imaginemos quão explosiva ficará a criança que é alimentada cada vez que chora.

Segundo estudiosos, "o açúcar provoca o abarrotamento do organismo, entrava o funcionamento da maquinaria viva; causa degeneração, perda da força vital, provoca uma série de enfermidades neurológicas, cardiovasculares e crônico-depressivas,

pois rouba em seu metabolismo, os nutrientes essenciais: vitaminas, proteínas, gorduras, enzimas e cálcio" (*Do Éden ao Fast Food*, págs. 19 e 20).

Já o uso excessivo de sal provoca hipertensão arterial, hiperacidez gástrica, cardiopatia, câncer, problemas renais e insônia.

O gosto pela moda sensual e provocante pode ter sua origem com uma sementinha lançada na infância. As mães precisam instruir suas meninas, apontando-lhes as conseqüências desse tipo de opção. O vestuário em vez de ser utilizado para cobrir, agasalhar, velar, tem servido para expor, insinuar e provocar. Muitas mães não se encontram preparadas para ajudar suas filhas adolescentes quanto às escolhas daquilo a que assistem na televisão e pelo videocassete, escolha de amigos, quanto ao comportamento durante o namoro, ou quanto à formação do seu guarda-roupa, porque não buscam na Bíblia a orientação segura quanto ao propósito da mulher no mundo.

Nas mãos de Deus

Quando a mulher, tal como qualquer pessoa, ignora o propósito de Deus para a sua vida, jamais poderá realizar-se plenamente e alcançar a felicidade.

A mulher cristã deve mostrar ao mundo que seu modo de vida e a educação provida para seus filhos têm a aprovação do Céu. Somente assim, estará contribuindo para combater a crescente degeneração do mundo. Na verdade, ela precisa negar-se a participar da "nova moralidade".

Não existe outro meio de a mulher cumprir sua sagrada missão transformadora senão colocando-se nas mãos do Senhor. Quando tomarmos tempo diário para um íntimo relacionamento com Ele, nossa mente será aberta, a consciência será despertada e conheceremos exatamente o que devemos ser e fazer. Afinal, como disse Ellen White, "é amando-O, imitando-O, confiando inteiramente n'Ele, que haveis de ser transformados na Sua semelhança" (*Caminho a Cristo*, pág. 71).

Tempo de mudanças

DAN M. APPEL



Queiramos ou não, nós que estamos no limiar de um novo século vivemos num tempo de mudanças cataclísmicas. Para alguns, isso é excitante, revigorante, estimulante, desafiador e promissor; para outros, este é um tempo de desconfortáveis, ameaçadores e apavorantes pesadelos.

A Igreja não está imune às tensões. Por um lado, há o clamor de que "a Igreja deve mudar para enfrentar os desafios do novo milênio". Por outro lado, há a posição cuidadosa de "mantermos a linha, sem mudanças".

Os fatores que condicionam nossos sentimentos a respeito dessas mudanças são teológicos e sociais. Mas quaisquer que sejam os fatores e os sentimentos, devemos encarar as mudanças que, estejamos preparados ou não, estão vindo.

A geração anterior à Segunda Guerra Mundial estava comprometida com a criação de estabilidade. Viveu através da Grande Depressão, com pouca estabilidade e onde as mudanças indicavam sofrimento e miséria. Lutou para manter o estilo de vida conhecido. Lutando contra as circunstâncias, procurava tornar as coisas tão estáveis quanto possível, enquanto as idéias

prevalentes apontavam as mudanças como sendo más, sendo vistas com uma suspeita que beirava a paranóia.

Quando a guerra terminou, os soldados voltaram comprometidos em criar um ambiente imutável para suas famílias. De fato, algumas coisas necessitavam melhorar, mas a maioria das pessoas queria algo estável e imutável. Políticos foram eleitos prometendo tranquilidade e segurança

econômica. As pessoas escolhiam uma marca de automóvel e lhe permaneciam leais durante toda a vida. Conseguiram um trabalho e planejavam jamais sair dele até a aposentadoria. Adotavam uma igreja e isso era definitivo.

Já os filhos dessa geração eram diferentes. Não tendo experimentado a miséria dos pais, achavam as mudanças estimulantes. Seu apetite por idéias novas e diferen-



tes produtos, novas maneiras de relacionamento com situações e pessoas eram tão viscerais como o compromisso dos pais com o *status quo*. Lealdade a uma marca era coisa do passado. As pessoas compravam pela qualidade, pelo visual, e pelo que capturava seu interesse. As coisas não eram boas apenas porque alguns o afirmavam. Era preciso tentar, testar e buscar por si mesmas. Mudança era símbolo de valor.

Os pais, naturalmente, com frequência sentiram-se traídos e perplexos. Tudo o que eles sacrificaram ou estabeleceram com o objetivo de criar segurança; tudo o que compraram como sendo para sempre era trocado; rejeitado por aqueles para quem eles criaram tal permanência.

Ponto de choque

Essa mesma tensão é claramente dramatizada na Igreja, onde duas distintas visões de mundo, duas gerações diferentes, estão se chocando. Uma visão diz que deve haver mudanças substanciais para a sobrevivência da Igreja, relacionada ao que pretendemos alcançar, e cumprimento da comissão evangélica. Já quase perdemos uma geração inteira, dizem alguns, e estamos em vias de perder mais uma. Não estamos causando impacto no mundo. A questão não é *se* devem ocorrer as mudanças, mas *quais* mudanças devem ser feitas, e já. Com efeito, alguns estão dizendo: "se algo não acontecer logo, estamos fora."

Outros, conservadores, afirmam que Deus nos suscitou como um povo. Ele é o Criador da Igreja. Assim, se mudarmos a Igreja, estamos destruindo-a. Qualquer alteração significativa equivale a rejeitar quem a criou. Reestruturar a Igreja é jogar fora os sustentáculos que a tornaram forte. Estamos perdendo membros, eles dizem, porque a igreja mudou muito e continua mudando. Numa era de transformações massivas, o povo necessita de uma igreja estável. Em meio às suas próprias mudanças, a igreja não pode dar, e não dá, ao povo a estabilidade e segurança necessárias. A Igreja está abrindo mão de coisas que, se retidas e divulgadas, atraíram o povo.

Juntando-se ao mundo em sua flutuação, a Igreja termina por não saber mais o que crê, e as pessoas não sabem em quem confiar ou onde podem pisar seguramente. O que é necessário, dizem, não é mudança, mas compromisso sólido com o que sabemos ser verdade e o que tem sido feito.

Abordagem correta

O que pode ser feito para encontrar um denominador comum, que permita a Igreja ser flexível o bastante para ser contemporânea e não sacrificar o que é importante? De qualquer modo, deve haver um processo que nos torne mais unidos mutuamente, mais fortes como Igreja, e mais cumpridores da vontade do Pai. Consideremos alguns pontos que podem ajudar nossa visão de mudanças sem fazer perder o fundamento.

Algumas coisas podem ser mudadas, outras não podem. A História mostra que a única constância na vida são as mudanças e que as únicas coisas que não estão mudando constantemente são as mortas, e mesmo assim elas se decompõem. Ao mesmo tempo, a História também afirma

A questão não é se
devem ocorrer
mudanças, mas *quais*
mudanças devem
ser feitas.

que algumas coisas são imutáveis.

O que poderia, ou não, ser mudado? Israel perdeu seu lugar como povo escolhido de Deus porque não fez algumas mudanças necessárias. Ao contrário, cedo ainda na Igreja cristã, houve apostasias porque a Igreja mudou algumas coisas imutáveis. Assim, devemos determinar o que deve e o que não deve ser mudado.

Compreender a vida da Igreja em seus vários aspectos. A vida e o ministério da Igreja podem ser vistos como consistindo de quatro aspectos essenciais: valores e pilares, ensinamentos e crenças, costumes e tradições, métodos e meios. Alguns desses não podem e não devem ser mudados; outros podem ser mudados sem desestabilizar o que a igreja estabelece.

Os valores e pilares nos definem como Adventistas do Sétimo Dia. Neles está o nosso corpo de doutrinas, nossa definição de valores. Devemos expressá-los em dife-

rentes formas e ocasiões; podemos enfatizar certas facetas mais que outras, de tempos em tempos, ou podemos compreendê-los mais profundamente. Nossos valores e pilares não podem ser mudados se a Igreja deseja sobreviver e florescer. Cada um deles, cremos, está fundamentado num específico "assim diz o Senhor". Eles formam a base da vida e disciplina da Igreja, e o padrão para discipulado.

Nossos ensinamentos e crenças estão baseados nas Escrituras e a experiência da Igreja. À medida que os anos passam, continuamos abertos para clarear e revisar nossa compreensão das Escrituras. Nesse ponto, os adventistas possuem firmeza, ao mesmo tempo sabendo quão importante é submeter-se à luz progressiva, ou "verdade presente". Em si mesmos, os fundamentos bíblicos são absolutamente seguros, mas apesar disso devemos submeter nossa interpretação da Bíblia à possibilidade de uma "nova luz".

Embora nossos ensinamentos e crenças ajudem a moldar nossa identidade, em sua essência, eles contribuem mais para enriquecer-nos, fortalecer-nos e tornar-nos um povo espiritualmente confiável. Eles são absolutamente vitais para nossa vida enquanto nos enriquecem e enobrecem. Mas sempre haverá um espaço para mudança de opinião, toda vez que aprofundarmos nossa compreensão da vontade de Deus para a nossa vida individual.

Valor e tradição

Tradições e costumes se desenvolvem naturalmente na vida de uma pessoa ou um grupo. Num dado momento ou lugar começamos a fazer as coisas de certas maneiras, sempre por boas razões. Tornamos-nos confortáveis com elas, e elas se tornam costumeiras, tradicionais. Algumas vezes, esses costumes são ditados pelos tempos ou por nossa herança. Então, novamente, eles podem crescer por nossa conveniência ou pelo gosto pessoal. Eventualmente, ganham um ar de permanência, embora as razões para uma tradição particular possa estar perdida em meio a um passado distante.

Entretanto, quanto mais praticamos uma tradição, mais tendemos a pensar nela como uma crença ou mesmo um valor. Assim, a tradição torna-se importante e define mesmo nossa zona de conforto. Qualquer tentativa de mudar é igualada por alguns como atacar o corpo de valores.

Deveríamos, portanto, periodicamente

perguntar-nos se nossas tradições ainda estão servindo a um propósito digno; se nos põem no caminho do progresso ou o intensifica. Há uma boa razão para continuar com este costume, ou estamos agarrados a ele por causa do gosto pessoal? Não é mau continuar com uma tradição que não obstrui nossa missão. Por outro lado, é trágico sustentar costumes e tradições que nos impedem de ser mais efetivos num ambiente fluido.

Devido à ligação emocional que muitos têm com os costumes e tradições, necessitamos ter sensibilidade quando desejamos mudá-los. Pela mesma razão, aqueles que se opõem a mudar uma tradição deveriam compreender que podem estar impedindo o Espírito Santo de guiar a Igreja na direção de um grande ministério.

Métodos e meios ajudam a cumprir nossa missão. Eles são a maneira pela qual fazemos o que fazemos. São o meio de conquistar o que queremos, o caminho para alcançar nossos alvos.

Eles podem e freqüentemente deveriam mudar, porque o ambiente muda, as condições, os tempos e os desafios mudam. Nossos métodos também deveriam mudar, se queremos ser competitivos na batalha contra as forças das trevas. A guerra de hoje não pode ser travada com os instrumentos e os métodos de ontem. A menos que nos adaptemos e nos ajustemos às condições de mudanças, a vitória será ilusória, e certa a derrota.

Algumas vezes, mudanças radicais na maneira como a Igreja cumpre sua missão tornam-se necessárias. Por exemplo, desde os tempos de Constantino, o culto tem sido centralizado em edifícios. Hoje, no entanto, muitas congregações descobriram que isso pode ser um peso em custos, tempo, energia, número de voluntários necessários, e habilidade para planejar crescimento. Por isso, eliminaram os edifícios suntuosos, focalizando o ministério e nutrição através de pequenos grupos. Para grandes celebrações de final de semana, alugam ginásios ou auditórios. O restante do trabalho é levado para onde o povo está, na vizinhança.

Muitas mudanças, entretanto, não precisam ser tão radicais; mas precisam ocorrer. Devemos estar perguntando constantemente a nós mesmos: O que vamos fazer? O que queremos fazer? Por que vamos fazer isto? Qual a melhor maneira de fazer isto? Se vamos seguir à risca, que processo ou método deveríamos desenvolver, de tal

forma que nossos esforços resultem mais efetivos? Esse método particular ou processo habilita-nos a cumprir o que desejamos com o máximo de efetividade e eficiência? Se não, devemos mudá-lo?

Infelizmente, métodos e meios com freqüência tornam-se tradição, e eventualmente recebem quase o *status* de crença. É fácil começar um novo programa, mas quase impossível concluí-lo se ele girar em torno da duração de tempo. Mesmo que morra de morte natural, continuamos a escorá-lo e tentando lhe dar nova vida. A Igreja é a única organização do mundo onde, se alguma coisa não opera por mais tempo, é deixada de lado.

Tanto quanto o tempo, nossos métodos e o processo empregado para conduzir a grande comissão devem mudar, ou jamais a veremos cumprida, pelo menos em nossa geração.

Métodos e meios
podem e devem
mudar porque os
tempos e os desafios
também mudam.

Implementando um modelo

De que maneira poderiam ser implantadas mudanças nos aspectos considerados anteriormente? As seguintes idéias provêm uma base para aplicação em qualquer área da vida da Igreja:

Valores e pilares. Ellen White, falando em 1905, disse que conhecia apenas sete valores primordiais: salvação pela fé unicamente em Cristo; imutabilidade da lei de Deus; o sábado; o ensinamento bíblico sobre o estado dos mortos; segunda vinda literal de Cristo; juízo pré-advento, iniciado em 1844 no Céu; e a tríplice mensagem angélica de Apocalipse 14. Referiu-se a eles como sendo nossos pilares, e afirmou não conhecer nada mais que desse ser assim chamado (*Counsels to Writers and Editors*, pág. 30).

Ensinos e crenças. Aqui poderiam

estar incluídos pontos sobre os quais a Igreja tem dado ampla liberdade de discussão, como a compreensão da natureza humana de Cristo, a Trindade e o vegetarianismo.

Uriah Smith e James White, por exemplo, chegaram a acreditar que Jesus foi um Ser criado; todavia, um editava a *Review and Herald*, e o outro era esposo de Ellen White e presidente da Associação Geral. Hoje há mais luz sobre os referidos assuntos.

Ellen White desafiou-nos a tomar uma posição forte na educação do povo quanto à adoção do vegetarianismo. Mas seu exemplo e ensinamento nos dizem que não devemos fazer desse ponto uma prova de discipulado; pelo contrário, devemos dar tempo para crescimento na aceitação desse princípio. Dieta e adorno são temas importantíssimos na experiência cristã. No entanto, são áreas em que deveríamos atuar buscando persuadir e educar, em vez de legislar e julgar arbitrariamente.

Tradições e costumes. Isso inclui coisas como maneiras de programar o culto, de celebrar a Ceia, e de realizar o batismo (alguns pastores erguem o braço por trás do candidato, outros o fazem pela frente).

Algumas vezes tradições e costumes estão baseados em advertência de profetas e líderes ao tratarem com tempos e situações específicos. Outras vezes, eles apenas surgem ao longo da vida e tornam-se uma maneira confortável de fazer as coisas. São quase sempre baseados na preferência pessoal, e não numa definitiva declaração da Palavra de Deus.

Métodos e meios. Aqui, a campanha da Recolta de Donativos é um bom exemplo. Em muitos lugares isso é feito com um propósito específico, sério e justo. Mas há lugares onde o método tradicional de realizar esse trabalho precisa ser modificado por algumas razões. Outros itens vêm à mente, como idade das crianças em classes específicas da Escola Sabatina, forma de nomeações, entre outros.

Virtualmente, qualquer coisa associada com a Igreja pode ser colocada em uma das quatro categorias mencionadas. Com isso, temos uma base para decidir se determinada mudança é boa ou má. Podemos concordar no que constitui o essencial e é imutável, e o que pode e deve ser mudado para o bem do corpo de Cristo.

As mudanças estão ocorrendo, queiram ou não, gostemos ou não. Vamos nos antecipar a elas; preparando-nos e usando-as em nossa vantagem.

Uma questão de princípio

CARLOS ROBERTO
ALVARENGA

Pastor distrital em Bauru, SP



Faz algum tempo, deparei-me com uma declaração de Ellen G. White, a qual me impressionou de maneira muito forte. Descrevendo uma classe de reunião social que se realizava em Battle Creek, envolvendo pessoas crentes, ela registra o seguinte comentário: "Um estava assentado a um instrumento musical, e tocava músicas que fizeram os anjos observadores chorarem." (*Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos*, pág. 83).

É certo que a situação descrita no texto é apenas um ajuntamento social e não uma reunião de caráter espiritual; mas é verdade também que as pessoas que ali estavam reunidas não eram outras que não "os que professam crer na verdade", para usar suas próprias palavras.

Todos sabemos que existem músicas boas e más; sacras e profanas, espirituais e sensuais, divinas e satânicas. No entanto, imaginar alguém que professa crer na verdade executando música que motiva o pranto nos anjos, leva-nos a concluir que

a linha divisória entre o divino e o maligno, nesse assunto, pode não ser tão clara e evidente como às vezes imaginamos. É demasiado sutil para ser subestimada. Às vezes, quase impossível de ser discernida.

Ao ler o comentário citado, de repente, minha mente começou a divagar. Observei-me a mim mesmo assentado a um piano, num culto sabático, acompanhando os serviços de adoração. Contemplei-me imaginariamente participando do louvor que solistas e grupos vocais apresentavam, e pelos quais eu era em grande parte responsável; por tê-los ensinado e por haver escolhido o repertório a ser executado. Seriam aquelas músicas, realmente, um louvor a Deus? Estariam os anjos observadores agradando-se da melodia, da harmonia, do estilo e do ritmo apresentados? Ou meu modo de tocar, minha maneira de conduzir o que eu sempre considerei "louvor", faziam "os anjos chorarem"?

Como pastores precisamos buscar tornar o culto uma experiência espiritual real. Para os adoradores, um encontro com Deus. Mas será que tal experiência não estaria sendo grandemente prejudicada em nossas congregações, talvez até anulada, pela maneira como o povo é orientado a cantar, ou o modo como os tecladistas tocam seus instrumentos, pelo espírito com que o louvor é executado, pela maneira com que os músicos se relacionam entre si e pelo motivo pelo qual cantam?

"O cântico faz parte do culto a Deus, mas a maneira descuidada em que frequentemente é dirigido, nem é uma recomendação para a verdade, nem uma honra para Deus", diz Ellen White (*Review and Herald*, 24/07/1883). E mais: "A música pode ser um grande poder para o bem; contudo não tiramos o máximo proveito dessa parte do culto." (*Evangelismo*, pág. 505).

Tenho a impressão de que esses dois pensamentos são suficientes para abriremos os olhos para a realidade de que as coisas podem não estar tão bem, como às vezes imaginamos, no aspecto musical da liturgia em nossas igrejas.

Adoração

A agitação e a superficialidade que caracterizam o homem moderno, acrescidas da tecnologia que materializou muitos sonhos que antes não passavam de fantasia, fizeram da existência humana uma experiência extremamente sensual e materialista, que obliterou na mente de muitos a percepção do verdadeiro objetivo e da razão primordial do culto.

É possível que ao ser feita a pergunta: "Por que razão uma pessoa deve ir à igreja?", sejam ouvidas respostas como: "porque é agradável", "porque fomos ensinados e nos acostumamos a fazer assim", "para ouvir um sermão", ou "para apreciar belos cânticos, artisticamente apresentados". Essas respostas, na verdade, não são inverídicas em si mesmas. Porém, seriam esses os únicos motivos que deveriam nos conduzir à reunião de culto?

"Para a alma crente e humilde, a casa de Deus na Terra é como que a porta do Céu. Os cânticos de louvor, a oração, a palavra ministrada pelos embaixadores do Senhor, são os meios que Deus proveu para preparar um povo para a assembléia lá do alto, para aquela reunião sublime à qual coisa nenhuma que contamine poderá ser admitida", (*Testemunhos Seletos*, vol II, pág.193).

Sendo assim, o culto legítimo deve atingir toda a personalidade, como diz o salmista: "Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga ao Seu Santo nome" (Sal. 103:1). Quer dizer, todo o ser – intelecto, emoções, vontade.

Ao analisarmos as referências bíblicas sobre adoração, encontramos os pontos básicos da experiência autêntica de culto. Para esses pontos deve apontar cada uma das partes componentes do serviço de adoração.

O profeta Isaías (6:1-8) apresenta cinco itens do culto que jamais podem ser desconsiderados. São eles:

A revelação de Deus, Sua grandiosidade, Seu poder, e o louvor como resposta humana (Isa. 6:1-3).

Reconhecimento e confissão da pequenez e pecaminosidade humanas (Isa. 6:5).

O perdão divino e a purificação da culpa (Isa. 6:7).

A exortação de Deus e o chamado para o serviço (Isa. 6:8).

Consagração ou dedicação, como resultado (Isa. 6:8, últ. parte).

Resumidamente, poderíamos definir os objetivos do culto como sendo o ato de tornar a Deus uma realidade para os adoradores, ajudá-los a crescer nas virtudes cristãs, motivando neles uma resposta de sacrifício e consagração. Tudo isso resulta em um novo estilo de vida. No processo de buscar atingir esses objetivos, cada um dos elementos do culto exerce um dentre dois papéis: o papel de *impressão* (sensibilizando a alma com a revelação de Deus), ou o de *expressão* (a resposta humana ao chamado divino). A música desempenha os dois papéis, o que destaca a sua importância no conjunto da adoração.

Muitas vezes, atribui-se ao sermão o principal lugar no culto. Embora seja de fato importantíssimo, deveríamos observar que ele é apenas parte de um conjunto que abrange leitura das Escrituras, cânticos, orações, ofertas, etc. Logo, tanto o conteúdo como as pessoas, seu estilo de vida, seu comportamento, a maneira como desenvolvem a parte que lhes cabe, têm importância tão grande como aquilo que se refere ao sermão e ao pregador.

Expressão

Eis a função principal da música no culto: expressar a Deus os nossos sentimentos, anseios, nossas súplicas e confissões. Nesse sentido, a participação da congregação jamais deveria ser olvidada ou subestimada. É certo que corais, conjuntos ou solistas podem apresentar um louvor mais artístico. No entanto, o canto congregacional deveria ter sempre a primazia nos serviços de adoração.

Ainda dentro dessa moldura, é bom lembrar que se o louvor é uma resposta de gratidão ao Criador, nunca deveria ser sombrio, melancólico, humanístico. Deveria, antes, irradiar o amor e a alegria celestiais. Como lembra Ellen White, "Não ferais uma nota dolorosa; não canteis hinos fúnebres" (*Carta 311*, 1905). É lamentável que em muitas igrejas o cântico congregacional mais pareça um fardo que tem de ser duramente arrastado.

A maneira em que o louvor é realizado e os motivos que nos movem a fazê-lo são duas coisas igualmente importantes. As palavras podem ser piedosas e alegremen-

te cantadas; se, porém, os motivos impelentes não o forem, o cântico será a expressão de hipocrisia e fanatismo. Embora somente Deus conheça os verdadeiros motivos da alma, cabe a pergunta: Quais são os motivos que nos levam a cantar, como igreja ou grupos vocais? Gratidão? Desejo de louvar a Deus? Ou vaidade pessoal? Cantamos para revelar Cristo ou exibir a afinação e a harmonia de nossas vozes? Qual a lembrança que perdura quando cessam os acordes? A profundidade, a urgente importância da mensagem, ou a beleza do vestuário, a arte das vozes e arranjos, a potência e modernidade dos equipamentos de som?

Se o cântico não for motivado por ardente amor e desejo de exaltar a Cristo e expressar-Lhe gratidão, mesmo que seja incrivelmente belo e artístico, não é louvor. É show, concerto secular, ou qualquer identificação que se Lhe queira dar. É próprio para qualquer lugar, menos para a igreja.

Impressão

Como meio de impressão, a música cria a atmosfera própria para a adoração. Atuando sobre o sistema nervoso, "ela pode criar climas diversos e estabelecer as atmosferas mais diferentes, quer seja de alegria, júbilo, tristeza, paz, majestade, etc., e muitas vezes apenas ambiente devocional, se for própria para isto", de acordo com João Faustini (*Música e Adoração*, pág. 20).

Caso não haja discernimento na seleção das músicas que servirão como prelúdios, cantos congregacionais ou apresentações especiais, o efeito do culto sobre os adoradores poderá desvirtuar-se completamente. Mesmo desacompanhada da letra, a música exerce impressão sobre o indivíduo. Se for realmente sacra e devidamente executada, despertará devoção, ainda que as palavras não existam ou não sejam totalmente compreendidas.

Há três elementos básicos na música: melodia, harmonia e ritmo. A melodia apela às emoções; a harmonia, ao intelecto; e o ritmo, aos músculos. Qual desses três elementos deveria predominar na música do culto? Caso predomine apenas a melodia, nossos cânticos serão puramente emocionais. E religião não é apenas sentimento. Se for salientada a harmonia, em detrimento da melodia e do ritmo, teremos uma música racional, porém demasiado fria, que não toca o coração nem a alma. Se destacarmos o ritmo, a música será sensual, carnal; portanto, imprópria.

A música somente é espiritual e apropriada como meio de impressão no culto, quando nela existe equilíbrio entre melodia, harmonia e ritmo. Nenhum aspecto deve sobressair aos demais, pois assim acontecendo, ela deixa de transmitir uma mensagem ao homem todo, privando-o de sua influência transformadora. Diz a Escritura: "O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma, e corpo, sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo" (I Tess. 5:23).

Johann Sebastian Bach costumava colocar na parte superior de suas partituras as iniciais S. D. G. – *Soli Deo Gloria*, isto é "somente para a glória de Deus". No culto esse deve ser o objetivo primordial da música: impressionar a alma com a glória de Deus, preparar o coração para que responda com o seu louvor e sua adoração às amoráveis e majestosas demonstrações da divindade. A música somente poderá cumprir tais propósitos se for como o próprio Deus, apresentando vislumbres e características do Seu caráter.

Deus é Santo (Lev. 19:2). A música deve inspirar santidade. Santo é aquilo que é separado para um propósito sagrado. Por isso, a música do culto não deveria lembrar em nada as canções seculares, quer seja no ritmo, na melodia, na harmonia, ou no estilo.

Deus é amor (I João 4:8). A música deve despertar nos adoradores reações de amor a Deus e ao próximo.

Deus nem sempre Se identifica com manifestações explosivas. Também revela-Se com uma voz mansa e delicada (I Reis 19:12). A música que revela Deus aos adoradores é sóbria, mansa e delicada como Ele.

Deus é poderoso (Sal. 50:1). A música do culto deve ser poderosa sobre a razão e os sentimentos dos adoradores.

Deus é piedoso (II Crôn. 30:9). Igualmente deve a música do culto tornar os ouvintes mais piedosos.

Deus é Espírito (João 4:24). Assim, a música de culto deve apelar antes ao espírito que à carne.

Deus é puro (I João 3:3). Semelhantemente, a música do culto deve ser pura como ele é puro. Em suas raízes, harmonia, idéias, execução, identidade e seu estilo.

A música que não é como Deus não serve para aproximar-nos de Deus, não devendo, portanto, ter lugar no culto a Deus. Esse assunto não é uma questão apenas de preferência, mas de princípios.

O evangelismo e a Nova Era

CEZAR LUCHIAN

Ex-editor de Signs of the Times na Romênia, atualmente cursa o doutorado em Teologia na Universidade Adventista do Sul, em Collegedale, Tennessee, Estados Unidos



Divulgado

Eu fui um admirador do Movimento Nova Era. Logo depois da queda do comunismo, a busca de propósito e da verdade enviou-me à Igreja Ortodoxa Grega, ao misticismo oriental e à Nova Era. Fiquei tão fascinado com o assunto que saía por diversos campus na Romênia realizando seminários sobre a suposta esperança encontrada nesse movimento. Mas, pessoalmente, eu estava longe de me sentir satisfeito. Então, encontrei-me com Jesus e a alegria inundou meu ser. Ao refletir na atração exercida pela Nova Era sobre mim, e nos muitos obstáculos, dificuldades e incertezas que atrapalharam minha aceitação do evangelho, sou altamente agradecido pelas bênçãos que inevitavelmente acompanharam minha decisão.

Um pouco de história

Hoje, a expressão Nova Era é muito comum no vocabulário religioso. Desde os anos 70, o movimento começou a ganhar reconhecimento público enquanto centenas de gurus orientais, filósofos ocidentais e políticos voltaram-se para a Nova Era em busca de realização espiritual. Esses indivíduos proclamaram o amanhecer de uma nova era na História, na qual toda a humanidade finalmente alcançará seu estágio final de iluminação, através de uma conversão mundial a uma religião humanística, mística e sincretista.

Nada disso é inteiramente novo. Raízes mais recentes do movimento podem ser traçadas pelo ressurgimento do espiritismo na segunda metade do século 19, quando sob a influência de Helena Petrovna Blavatsky, Annie Besant, George Steiner e Alice Bailey, a filosofia mística da Índia e o ocultismo medieval foram reconciliados e defendidos como a única alternativa para o que eles concluíram ser um cristianismo defunto. Mas foi somente quase um século depois, que essa antigamente concebida "nova era" finalmente alcançou seu clímax, depois de uma longa e obscura adolescência vivida na sombra de duas guerras mundiais.

O apogeu veio na esteira da contracultura dos anos 60. A rejeição dos valores morais tradicionais, a denúncia de uma sociedade materialista, a rediscussão de muitos modelos ocidentais de pensamento, a "era do LSD", junto com a explosão da arte psicodélica e a crise do Vietnam, estão entre os fatores mais importantes que contribuíram para o lançamento deste "outro evangelho".

Sua mensagem essencial para o mundo é que a felicidade eterna depende da ex-

pansão mística de um potencial interior sagrado que está escondido em cada ser humano. Quando esse potencial for apropriadamente desenvolvido, o indivíduo encontrará sua identidade no divino princípio que governa o Universo, e, assim, será novamente uma parte da ordem cósmica inicial.

Até o aparecimento deste evangelho virtual, os cristãos viam como seus principais oponentes a crescente secularização da sociedade ocidental, as ideologias filosóficas e políticas anticristãs e o crescente fundamentalismo das religiões tradicionais. Agora têm um novo inimigo: uma nova religião difusa que transcende todos os limites políticos, culturais, sociais ou religiosos, e que não tem manuais, não possui líder terrestre, nem sede física. Essa nova religião é uma aparentemente caótica rede de organizações, grupos e clubes, proclamando a vinda de uma nova era. Devido a que seus filósofos se sentem livres para usar a Bíblia e os ensinamentos de Jesus Cristo, o movimento talvez seja o mais sutil e poderoso destruidor da unicidade da fé cristã. Na verdade, alguns autores o têm chamado de "a versão espiritual da Aids".¹

À luz de tudo isso, é um fato normal que a apologética anti-Nova Era tenha começado a se desenvolver na comunidade cristã, com os evangélicos dominando a batalha. Um livro escrito por Constance Cumbey² foi o grande responsável por cunhar a expressão Nova Era. Esse livro e outros que se seguiram³ criaram uma fobia sensacionalista com respeito a uma conspiração mundial secreta que poderia eventualmente estabelecer um governo mundial único e impor a cada ser humano as reivindicações de uma religião satânica. A comparação detalhada que Cum-

bey fez entre o Movimento Nova Era, o Terceiro Reich de Hitler, e algumas percepções proféticas originais apresentadas com centenas de referências deram credibilidade ao livro.

Embora nos últimos anos esse livro tenha sido reavaliado criticamente por muitos eruditos bíblicos conservadores⁴, muitos cristãos ainda vivem sob o temor de que há algo demoníaco encoberto no movimento.

O que diz a Bíblia

Tendo em mente essas considerações, necessitamos voltar para o que dizem as Escrituras sobre o Movimento Nova Era. Indubitavelmente, ele é uma ameaça à fé cristã (Col. 2:8, 18-23). Ele parcialmente cumpre as predições bíblicas de um ressurgimento, no tempo do fim, de falsas religiões e falsos messias (Mat. 24:5, 23-26). Suas pressuposições intelectuais e espirituais preparam a mente de muitos com muitas filosofias básicas que poderiam eventualmente levá-los a aceitar os enganos dos “últimos dias” (Apoc. 13:13, 14, 16:14; II Tess. 2:9-12). O impacto mundial do movimento impede a obra do verdadeiro evangelho, tal como outras contrafações fizeram no passado (Gál. 1:6-8; II João 7-11).

Para enfrentar esses desafios, necessitamos estar ligados “à palavra fiel que é segundo a doutrina, ... para convencer os que contradizem” (Tito 1:9).

Como podemos fazer isso? Como enfrentar o trabalho do Movimento Nova Era e alcançar as pessoas que estão em suas garras? Há certamente muitas organizações que instruem os cristãos para o confronto com grupos da Nova Era. Muitos livros encontrados nas livrarias evangélicas também provêm uma análise equilibrada desse movimento, ao lado de uma sólida base escriturística de defesa da fé cristã.

Entretanto, qualquer um que lê uma apologetica cristã contra a Nova Era ou assiste a um seminário sobre o assunto compreende que o principal alvo desse tipo de pesquisa parece ser uma advertência sobre a falsidade dos ensinamentos da Nova Era, e a proclamação de Jesus Cristo como a única alternativa viável. Mas os cristãos têm pouco a ganhar com essa abordagem.

Diz Ellen White: “Não é o melhor demorar-nos sobre sentimentos espiritualistas, teorias estranhas, desconcertantes, que têm estado por anos a introduzir-se em nosso meio. ... Se tentardes lidar com esses assuntos sereis levados a repetir os sofismas de Satanás, e ajudá-lo-eis assim a

apresentar suas falsas teorias ao povo. Resolvi nunca, nunca repetir o erro, mas sempre ensinar a verdade.”⁵

Embora o trabalho de advertir o povo seja uma parte importante de nossa missão, é apenas uma pequena parte. Necessitamos não apenas advertir mas guiá-lo ao canal da graça de Deus. O alvo básico não é simplesmente expor o erro, mas guiar o povo a Cristo.

Dois características

A primeira premissa de qualquer filosofia de testemunho é que embora o evangelho seja o mesmo para todos os seres humanos, nem todos podem ser alcançados pela mesma forma. As características específicas de cada grupo, seus antecedentes culturais e sociais, interesses religiosos, níveis educacional e econômico, entre outras coisas, requerem o emprego de um método específico. Conseqüentemente, é vital ter uma compreensão das principais características psicossociais daqueles que estão envolvidos com a Nova Era.

Paulo nos oferece uma analogia fascinante que mostra como a alma humana, em todos os tempos, possui basicamente os mesmos desejos, temores, esperanças e necessidades. Ele escreveu: “Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios.” (I Cor. 1:22 e 23).

O apóstolo empregou uma distinção judaica preconcebida para ilustrar a preeminência do evangelho e a universalidade da mensagem cristã (vs. 24-26). A maneira pela qual ele caracterizou judeus e gregos aparenta ser análoga na mentalidade da Nova Era. No mundo atual, a distinção paulina aponta dois tipos diferentes de personalidade de nos quais esse movimento lança sua rede.

O primeiro tipo é o grupo de mentalidade judaica. São pessoas insatisfeitas com o tipo de vida que levam. Estão ansiosas para escapar da banalidade que as rodeia. Desejam descobrir um novo mundo e testar o sobrenatural. Estão prontas a se engajar em todo tipo de experiências fora do comum para obter livre acesso a novas dimensões do Universo. “Pedem sinais” para dar significado à vida. Tentam resolver seus desajustes sociais e problemas de auto-estima buscando refúgio em um mundo supostamente inacessível ao indivíduo comum. E como um corpo saudável é considerado o melhor veículo para qualquer aventura sobrenatural, elas demonstram

estar extremamente conscientes da saúde.

O segundo grupo é composto de pessoas com mentalidade gentílica. Estão insatisfeitas com qualquer coisa tradicional que a ideologia ou religião ocidental tenha oferecido nos dois últimos séculos. Os componentes desse grupo são pessoas intelectualmente mais orientadas. Estão em busca de uma filosofia que responda todas as questões e dê uma explicação coerente para o destino cruel da humanidade. “Buscam sabedoria” e pretendem tê-la encontrado no sincretismo filosófico da Nova Era – uma combinação das antigas filosofias budista e hindu, um pouco das idéias ocidentais herdadas de Darwin, Maslow e da física moderna. Muitos são politicamente ativos, ecologicamente conscientizados e vigorosos promotores do pacifismo. Em suma, são um pouco mais socialmente envolvidos que seus primos judeus.

Entretanto, o típico seguidor da Nova Era é mais ou menos uma combinação das mentalidades judaica e gentílica em nossa analogia. Físico e intelecto precisam estar misturados com curiosidade e fascinação ao ponto de ninguém ter uma resposta clara para certas questões.

Três princípios

Neste ponto, precisamos voltar à nossa principal preocupação: quais são alguns dos princípios básicos e estratégias para alcançar seguidores da Nova Era com o evangelho de Jesus Cristo?

Revelação do caráter de Cristo em nossas vidas. Os seguidores da Nova Era são tão necessitados da revelação do caráter de Deus como qualquer outra pessoa. Frieza, palavras ríspidas, olhar indiferente, ou aquele ar de superioridade acadêmica são atitudes que fecharão sempre as portas e confirmarão as idéias preconcebidas a respeito do exclusivismo e fanatismo cristãos. Na tentativa de ser efetivos em nosso testemunho, precisamos estar, antes de mais nada, completamente convencidos de que “o mais forte argumento em favor do evangelho é um cristão que sabe amar e é amável”.⁶

A maior necessidade que tem um seguidor da Nova Era não é de alguém que lhe explique a verdade, mas de alguém que viva coerentemente a verdade. “O amor é vitorioso quando o argumento e a autoridade tornam-se impotentes. ... É comovente e transformador em sua influência; tomará o controle da

vida dos pecadores e afetará seu coração quando todos os outros meios se provarem sem êxito.”⁷

Respeito pela pessoa, evitando confrontação pública ou privada.

Constantes ataques através de nossa literatura ou pregação pública somente endurecerão corações em vez de suavizá-los. Nosso alvo deveria ser estabelecer relacionamentos. A única maneira pela qual pessoas compreendem sua verdadeira necessidade é um encontro pessoal com Cristo no Calvário. Argumentos sobre quão erradas são as crenças de uma pessoa são a pior maneira de começar a jornada em direção à cruz.

Nunca é demais enfatizar este aspecto: Em busca dos seguidores da Nova Era, não há lugar para qualquer debate ideológico. Ameaças, acusações, ou críticas somente os reafirmarão em suas crenças, tornando-os cada vez menos receptivos à influência do Espírito. Longos debates teológicos apenas os ajudarão a encontrar novos argumentos e conduzir a discussão para um terreno filosófico não humano.

“O Senhor quer que Seu povo siga outros métodos que não os de condenar o erro, ainda que essa condenação seja justa. Quer que façamos algo mais do que lançar a nossos adversários acusações que só servem para os afastar mais da verdade. A obra que Cristo veio realizar em nosso mundo, não foi a de erguer barreiras, e atirar constantemente sobre o povo o fato de estarem errados. Aquele que espera esclarecer um povo ludibriado, precisa aproximar-se dele e por ele trabalhar com amor. Essa pessoa se deve tornar um centro de santa influência. Na defesa da verdade, os mais acerbos oponentes devem ser tratados com respeito e deferência.”⁸

Trabalho pessoal. Embora às vezes eles possam fazer efeito, seminários públicos visando os seguidores da Nova Era, geralmente não são o melhor caminho para alcançá-los. Tais seminários não podem ser limitados a esse grupo. Ao lado disso, devido à forte influência sob a qual ele se encontra, nós raramente poderíamos esperar conversão em massa em suas fileiras. Conseqüentemente, a melhor aproximação é a do evangelismo da amizade, trabalho pessoal e muita oração.

Quatro estratégias

Tendo diante de nós esses três princípios, consideremos agora alguns métodos práticos

para alcançar os seguidores da Nova Era. Eles não são diferentes dos sobejamente conhecidos princípios do evangelismo da amizade, mas são adaptados aos interesses e necessidades específicos daquelas pessoas que estão engajadas no movimento.

Amizade e serviço. Aproveitar toda oportunidade que surge para prestação de serviço e ajuda. Apesar de todo o debate teológico em torno da questão das boas obras, o serviço desinteressado permanece como a melhor maneira de desarmar preconceitos, ganhar confiança e tornar alguém um “utensílio para honra, santificado e útil ao seu possuidor” (II Tim. 2:21). Embora muitos seguidores da Nova Era tentem se apresentar como completamente isolados do mundo, eles ainda necessitam ouvir palavras agradáveis, ver sorrisos, e receber ajuda de mãos amigas.

Pontes de interesse comum. Nenhuma outra arma desempenha melhor o trabalho de cunha de penetração, entre os adeptos da Nova Era, como os assuntos de saúde. É nessa área que eles e os cristãos, particularmente os adventistas do sétimo dia, têm muita coisa em comum. Quando o evangelho é completamente compreendido, sempre haverá interesse na boa manutenção do “templo do Espírito santo” (I Cor. 6:12-20). Podemos partilhar com os adeptos da Nova Era nossas idéias sobre nutrição, administração do estresse e aptidão física.

Não sacrificamos princípios nem violamos nossa consciência, quando manifestamos um genuíno interesse em sua maneira de abordagem vegetariana, e outros tipos de tratamento natural. Podemos não apoiar tudo o que eles crêem sobre saúde e espiritualidade, mas podemos usar a saúde como uma excelente ponte para construir confiança e despertar curiosidade sobre a Bíblia como algo mais que um livro muito interessante.

Uma boa forma de construir essa ponte é dar-lhes alguma literatura. Devemos reconhecer que algumas vezes estaremos tratando com indivíduos letrados, acostumados a ler e pensar; de modo que os livros e revistas oferecidos devem ser bem escolhidos. O sólido alimento das profecias bíblicas contribuirá como nenhuma outra coisa para motivá-los a aceitar as Escrituras como um livro inspirado e a perspectiva cristã sobre a história humana como válida.

Genuíno testemunho cristão. No momento oportuno – e não procure apressá-lo – dê seu testemunho pessoal, curto e poderoso, sobre o que Cristo significa para você. Se você tentar mostrar a grandeza e autenticidade do cristianismo, citando Agostinho e outras grandes figuras da igreja, você está na pista errada. Jamais fale da experiência cristã em termos vagos e filosóficos. Os seguidores da Nova Era estão interessados numa experiência real, num conhecimento experimental de Deus. Orações respondidas, antigos maus hábitos vencidos, milagres diários que tornem o nosso relacionamento com Cristo tangível para a mentalidade da Nova Era. Um simples relato de nosso próprio caminhar com Deus fará muito mais do que uma exposição documentada a respeito da Trindade, da unicidade da salvação bíblica, ou do destino eterno.

Oração contínua. “Orai sem cessar” (I Tess. 5:17), aconselhou Paulo. Esse conselho encontra uma aplicação excelente no trabalho para alcançar alguém que submeteu sua vontade à de outro. Em última instância, nem nosso esforço pessoal nem nosso poder farão muita diferença. Só pelo Espírito de Deus a obra de salvação é cumprida. Podemos estar seguros de que os poderes das trevas não se agradarão da nossa iniciativa. Se desejamos ter sucesso nessa luta, não devemos argumentar, mas orar.

Mesmo que os adeptos da Nova Era não aceitem nosso primeiro apelo para unir-se ao reino de Deus, devemos permanecer seus amigos. O processo de conversão, nesse caso específico, é longo e difícil. Eles devem mudar não apenas crenças, mas uma concepção inteira sobre o Universo e Deus. Esperando pacientemente, veremos a luz brilhar para eles mais cedo do que imaginamos.

Referências:

- 1 Philip H. Lochhaas, *How to Respond to The New Age Movement*. St. Louis, 1988, pág. 5.
- 2 Constance Cumbey, *The Hidden Dangers of the Rainbow*, Shreveport, LA, 1983.
- 3 Texe Marrs, *Dark Secrets of the New Age* (1987); *Mystery Mark of the New Age* (1988), *Ravaged by New Age* (1989).
- 4 Elliot Miller, *A Crash Course in the New Age Movement*, Grand Rapids, 1989, pág. 193.
- 5 Ellen G. White, *Evangelismo*. Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 1997, pág. 623.
- 6 _____, *A Ciência do Bom Viver*, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 1990, pág. 470.
- 7 _____, *Testimonies for the Church*, Pacific Press Publishing Association, 1970, pág. 135.
- 8 _____, *Evangelismo*, 1997, págs. 305 e 306.

Isto é inevitável

FREDRICK A. RUSSEL

Pastor da igreja adventista em Baltimore, Maryland, Estados Unidos



D. Williams

Em visita a uma livraria, estava examinando um livro aqui, outro ali, até que encontrei solitário entre vários outros livros sobre sucesso, um cujo tema era fracasso. O título por si só era provocativo: *Quando Pessoas Esperadas Falham*, de Carole Hyatt e Linda Gottlieb.

Adquiriti o livro e tão logo cheguei em casa comecei a examiná-lo. E ali estavam espalhadas em suas páginas, como ruínas ao vento, histórias profundamente dolorosas de pessoas inteligentes, brilhantes e talentosas que tinham fracassado. Caminhei através do livro, esperando achar um bem embrulhado pacote sobre

algo como "sete segredos" para evitar o fracasso. E nada encontrei. Ao contrário, o que havia era uma perturbadora mensagem de que a falha não é evitável nem discriminatória. Acontecerá cedo ou tarde para qualquer pessoa.

Tratar com o fracasso é difícil para qualquer pessoa, e mais ainda em se tratando de pastores. O mero pensamento a respeito do assunto quase destrói um já estabelecido senso de autoconfiança e valor pessoal. Muitos pastores lutam regularmente com sentimentos de inadaptação e baixa auto-estima. A própria natureza do seu trabalho promove tais sentimentos. Muito do que fazemos relaciona-se ao povo, e o trabalho é intenso, estafante, público, e particularmente frustrante. A vida das pessoas não pode ser enquadrada em oito ou dez horas diárias de trabalho do pastor. Conseqüentemente, para ele raramente há um senso de compleição, o sentimento de um trabalho bem feito.

Ao lado disso, está o fato de que o povo pode projetar nos pastores seus próprios problemas. Assim a tarefa do pastor pode ser esmagadora, realçando os sentimentos de limitação. Isso faz surgir uma questão interior: Estou eu fazendo a diferença? O que eu realmente faço? Assim, antes que qualquer ato particular de falha ocorra, os pastores já vivem num ambiente no qual o fracasso no âmbito emocional, está longe de ser removido.

Chamado e derrota

Um outro fator peculiarmente complicador para o ministério é a teologia do chamado. Parte dessa teologia é a crença

de que "Deus não nos chamou para o sucesso, mas para sermos fiéis". Embora esse pensamento soe muito bem, acaba revestido de uma roupagem escura quando um grande projeto da igreja fracassa, e a culpa repousa desproporcionalmente sobre o líder pastor. E o povo sempre tem maneiras criativas de ficar lembrando ao pastor o que aconteceu.

A verdade é que a teologia do chamado, como algumas vezes é descrita, não prepara ninguém para o fracasso. Em nosso pensamento, nós não associamos o chamado ao ministério como a inevitabilidade da falha. Eu não estou sugerindo que alguém possa ter uma obsessão pelo fracasso, mas poderia ser hábil para reconhecer que mesmo no trabalho de Deus, ele acontece, e a fidelidade ao chamado não o exclui. Então, pressupondo que a derrota acontecerá em algum momento, que podemos fazer para administrar o inevitável?

O exemplo de Moisés

Quando pensamos em líderes que tiveram sua quota de fracasso, Moisés despenca no topo da lista. O que exacerbou sua falha foi o fato de que alguns milhares de pessoas estavam sempre aos seus cuidados. Ele nunca teve o luxo de pastorear alguma pequena igreja singular no monte, fechada às massas, de modo que quando cometesse uma falha somente alguns poucos do rebanho soubessem. Em vez disso, Moisés ministrou sob o constante calor das luzes do escrutínio, da censura e do criticismo.

Tudo começou com Moisés sendo um apaixonado protetor do seu povo. Mas numa série de acontecimentos que eventualmente fugiu ao controle e resultou em um homicídio, Moisés encontrou-se fugitivo, correndo para salvar sua vida. Tornara-se uma vítima da lei das seqüências involuntárias. Imaginou estar ajudando, mas acabou causando um curto-circuito em sua liderança. Foi um pequeno erro de julgamento no qual Moisés liderou com o coração em vez de usar a cabeça.

Mas a maioria das pessoas, sem dúvida, desapontada, marcou Moisés como um grande precipitado. E, provavelmente, não importava que o prematuro cuidado do líder estivesse relacionado com um deles. Alquebrado, Moisés fugiu para o deserto.

Muitos pastores podem se identificar com o apuro de Moisés. Ser alguém apaixonado e bem-intencionado enquanto

promove alguma causa, certamente o fará suportar a agonia de tomar uma decisão difícil. Na maioria das vezes, uma decisão errada não resulta na transferência do pastor, especialmente se o tropeço não é terminal. Mas ela eleva, mais freqüentemente do que parece, um assustador senso de fracasso pessoal que se torna endêmico no ministério.

Perdoar-se

Os pastores são em geral muito sensíveis e perdoadores quando precisam tratar com o fracasso de outras pessoas. Somos hábeis em ajudar outros a colocarem seus piores defeitos em sua verdadeira perspectiva. Entendemos a graça, especialmente quando relacionada a outros, mas lamentavelmente somos relutantes em compartilhá-la com nós mesmos, especialmente diante de alguns equívocos públicos na prática real do nosso ministério.

Os pastores são notórios por se engajarem em torturosa introspecção e autoflagelação. Por que fiz isso dessa maneira? Como pude ser tão estúpido? Quando vou aprender? São perguntas com que se martirizam. Como um grupo, os pastores não conduzem suas falhas muito bem. As pressões da liderança e nossa obsessão para ser um exemplo "para todos os crentes" pode levar-nos a alimentar expectativas irreais sobre nós mesmos. Penso que essa foi exatamente uma das preocupações de Deus em levar Moisés para um estágio no deserto. A experiência da solidão foi uma excelente oportunidade para levá-lo a compreender que o trabalho era do Senhor e que ele não era responsável por conduzir todo o peso sobre seus ombros.

O trabalho de outros

A mesma coisa acontece conosco. Quando nos esquecemos de quem real-

mente está no controle, acabamos perdendo a perspectiva, pensando no que vamos ou não fazer. Então quando acontece o fracasso (e ele certamente virá), nós somos enviados a rodopiar no abismo da dúvida e da auto-recriminação. Por essa razão, devemos ocasionalmente permitir que Deus nos coloque longe do conflito, de modo que adquiramos a necessária perspectiva, e aprendamos, entre outras

coisas, a ter paciência com nós mesmos. Tal como aconteceu com Moisés.



Esse tempo a sós com Deus pode ser simplesmente uma tarde gasta numa caminhada na quietude da Natureza – longe do que aconteceu. Ou, em alguns casos, poderia ser a necessidade de um período de férias. Seja como for, em tempos de revezes, é essencial tomar tempo para voltar a Deus e obter perspectiva.

coisas, a ter paciência com nós mesmos. Tal como aconteceu com Moisés. Esse tempo a sós com Deus pode ser simplesmente uma tarde gasta numa caminhada na quietude da Natureza – longe do que aconteceu. Ou, em alguns casos, poderia ser a necessidade de um período de férias. Seja como for, em tempos de revezes, é essencial tomar tempo para voltar a Deus e obter perspectiva.

Desgaste e lágrimas

Moisés estava em uma balança. Começando seu ministério depois de anos de solidão no deserto, ele deleitava-se num longo fio de sucessos. Na verdade, aqueles eram tempos de tensão. Mas a maior parte das coisas movia-se na direção certa. Uma olhadela em seu ministério durante esse período revela momentos que qualquer pastor poderia cobiçar: ele exibiu uma coragem sólida durante o episódio do Mar Vermelho; comunicou uma clara e confiante palavra de Deus diante da ansiedade do povo; resolveu algumas questões organizacionais difíceis; administrou corajosamente um problema disciplinar difícil, resultando em três mil membros permanentemente desligados da igreja; e liderou a congregação num milionário programa de construção, gerenciando ele mesmo os recursos arrecadados. Impressionante!

Mas então as coisas começaram a esquentar. Sempre houve uma medida de crítica contra o ministério de Moisés, mas agora ela se tornou intensa. Uma rebelião instigada por alguns membros influentes que resolveram destituir Moisés da liderança. Mais de 14 mil pessoas morreram como resultado. Não houvesse o próprio Moisés interferido, e muitos mais teriam perecido. Não surpreende que o desgaste e as lágrimas começassem a dobrar aquele estressado líder. Sua frustração construiu o ponto em que ele perdeu a calma e excedeu-se diante do povo. Todos queriam água, e "ele" a deu de maneira errada, golpeando a rocha, em vez de falar-lhe, como o Senhor orientara. Numa palavra, Moisés falhou.

O dilema espiritual para Moisés era óbvio. Ele não seguiu as instruções do Senhor. Entretanto, algo mais estava esaurindo seu nível emocional. Quais eram os pensamentos que corriam em sua mente

quando ele percebeu que tinha falhado? Para muitos de nós, quando fracassamos, há uma carga excessiva de pensamentos e emoções reunidos como pesadas nuvens negras anunciando tempestade.

Linda Gottlieb e Carole Hyatt, no livro anteriormente mencionado, fala das emoções conflitantes que acompanham o fracasso: "Você se sente esmagado, destruído, violentado, traído, apavorado, triste, culpado, depressivo, vingativo, letárgico, impotente e, ocasionalmente, aliviado e resoluto. ... Sua disposição oscila descontroladamente entre a esperança e o desespero. É um tempo de grande confusão." (pág. 39). Gottlieb e Hyatt tocam no ponto do fracasso, chamado pelos psiquiatras de "perda narcisística" – uma perda do senso do ego. "Quanto mais intimamente você identifica-se com o trabalho ou projeto que fracassou, maior é a perda."

Ser e fazer

Isto é altamente reflexivo da experiência dos pastores. Toda a nossa vida e identidade podem facilmente centralizar-se em nosso ministério. E quando

nós sentimos que fracassamos em um projeto, todo o nosso senso de ego pode sofrer. Despenhamos emocionalmente – não raro em formas brandas (às vezes não tão brandas) de depressão. O problema é que, freqüentemente, somos incapazes de separar nossa personalidade daquilo que realizamos como trabalho. Mas nós não somos o nosso trabalho e vice-versa. A última coisa que poderíamos sugerir, de fato, é que deveríamos pastorear numa distância emocional segura, garantindo que jamais colheremos feridas ou faremos uma tolice.

Pastorear efetivamente é pastorear com paixão. E pastorear apaixonadamente requer engajamento completo. O desafio, entretanto, é ser hábil o suficiente para fazer uma completa distinção daquilo que alguém pode considerar trabalho fracassado e o valor que alguém possui diante de Deus e de si mesmo. Deus sempre considerou Moisés Seu amigo, apesar do que ocorreu. Seu valor como pessoa nunca foi colocado em questão. Essa verdade saliente possibilita a nossa libertação dos senti-

mentos de derrota e frustração. Enquanto nós alegamos pelo sucesso no ministério, encaramos as falhas como oportunidade de crescimento.

Nem tudo está perdido

Moisés estava no fim do seu ministério. Deus lhe havia informado que não poderia entrar na Terra Prometida, juntamente com o povo. Aquela terra era o destino final em direção ao qual ele caminhou e lutou durante tantos anos. Embora o senhor o valorizasse como pessoa e líder, ele deveria experimentar as conseqüências da sua falha.

Deus permite que Seus filhos fracassem devido ao propósito maior que tem em mente para eles. O Senhor levou Moisés para um lugar infinitamente melhor que a Canaã terrestre, a pátria celestial. O que parecera uma derrota completa, e indubitavelmente um terrível desapontamento para Moisés, tornou-se a última celebração. Por que? Porque Deus tem esta suprema habilidade para fazer coisas maravilhosas e inimagináveis, em nós e por nós, a partir das nossas experiências mais amargas e desanimadoras.

A casa

está perto de você.

**Para adquirir literatura,
ligue grátis**

0800-552616



**CASA
PUBLICADORA
BRASILEIRA**

Caixa Postal 34 – Tatuí, SP – CEP 18270-000
Tel.: (015) 250-8800 – Fax: (015) 250-8900

Como pregar a Palavra

GEORGE R. KNIGHT

*Professor de História da Igreja
no Seminário Adventista de Teologia da
Universidade Andrews, Estados Unidos*



Divulgação

“Se o protestantismo morrer um dia com um punhal nas costas, esse punhal será o sermão.” Nessa afirmação meio jocosa, Donald Miller coloca o dedo num desafiante problema para o protestantismo em geral e o adventismo em particular. Muitos pregadores aparentemente têm agido como se o conselho de Jesus aos discípulos em Mateus 10:23 fosse nos seguintes termos: “Quando perseguidos por um texto, fuja para o próximo.”

Na maioria dos púlpitos, há muita fuga de um texto para outro ou fuga total do texto bíblico. Lembro-me de um pastor que pregava para a mesma congregação

quase todas as semanas, mas tinha apenas três sermões. Quero dizer, ele tinha três tópicos e trabalhava com um deles durante um mês. Produzia variações e mutações em seu limitado repertório de assuntos, mas tudo era a mesma coisa para nós que estávamos nos bancos da igreja. Era tudo muito previsível, exceto algumas vezes quando, aparentemente em frustração, ele acrescentava um pequeno tempero à sua receita homilética para dar uma sova na congregação.

Seus três sermões, quanto eu me recorde, focalizavam sobre a segunda vinda de Cristo, o sábado e a mordomia. Assim, você pode ver que ele era um bom adventista, mesmo que seu rebanho recebesse alimento espiritual pobre.

A palavra e o pregador

Inúmeras vezes nós os ouvintes estivemos esperando que nosso obviamente sincero pregador seguisse a injunção de Paulo no sentido de pregar a Palavra, “a tempo e fora de tempo (II Tim. 4:2), em vez de ficar pulando de um texto para outro, nas poucas passagens que usava para provar suas idéias. Porventura, não nos deu o Senhor alguma palavra?

É claro que a pregação de tópico ou assunto ocasionalmente tem o seu lugar; porém, muito freqüentemente ela tem pouco a fazer como a pregação da Palavra. Muitos de nós pregamos para nós mesmos; pregamos sobre os problemas que nós tememos ou os assuntos que nos desafiam. Na verdade, coçamos onde está coçando em nós. Nesse processo, a congregação inteira fica contagiada pela coceira do pastor, quando sua real necessidade é ser alimentada com uma bem equilibrada dieta bíblica, fornecida pela pregação expositiva.

A solução para a doença homilética é

pregar a Palavra. Necessitamos mudar do que queremos que o povo ouça, para o que Deus quer dizer-lhe. Isso significa pregação bíblica no sentido expositivo. A grande necessidade é deixarmos que Deus fale como Ele o faz em Suas mensagens através dos vários livros da Bíblia. As Escrituras apresentam uma vasta disposição de tópicos em vários formatos. Quando nós pregamos de forma expositiva, da Bíblia, livramo-nos das nossas predileções pessoais e, mais positivamente, pregamos todos os assuntos sobre os quais Deus quer que falemos. Não nos preocuparemos sobre temas como mordomia, justificação, fé e obras, ou guarda do sábado. Eles estão todos embutidos repetidamente em passagens que estão esperando para ser expostas.

Infelizmente, não há muitos modelos disponíveis de apoio à pregação expositiva. As lições da Escola Sabatina geralmente seguem o costume de fugir de um texto para o próximo, dando a idéia de que seu propósito é servir aos leitores uma agenda extra-bíblica, em lugar de prover uma compreensão do que Deus tem a dizer a Seu povo.

Essa tendência está presente mesmo quando o tema da lição é um livro da Bíblia. Poucos anos atrás, encontramos o conceito de obras sendo inserido numa lição sobre Romanos 4, onde ele era muito estranho e não se encaixava. Paulo, de fato, expõe energeticamente o assunto, começando no capítulo seis e chegando ao clímax nos capítulos 13 e 14. Na realidade, todo o livro aos Romanos é calcado na afirmação de que Paulo foi capacitado para levar “a obediência por fé” aos gentios (Rom. 1:5; 16:26). Há equilíbrio na totalidade do livro. Se deixarmos Deus falar em Seu próprio tempo através de Sua palavra, Ele dirá o que deseja que conheçamos em seu contexto.

Se você nunca pensou nisto até agora, é tempo de buscar o crescimento na pregação bíblica, expositiva, e menos fuga de um texto para o outro.

Prioridades

Mas, você pode estar pensando: "como posso pregar a Palavra a tempo e fora de tempo, quando tenho tão pouco tempo para um estudo mais aprofundado das Escrituras?" É uma boa pergunta. Por um pouco, cheguei a pensar que não chegaríamos a ela. Lembre-se de que estamos tratando com um assunto que envolve prioridades. Precisamos perguntar-nos qual é a função primária de um pastor. Essa é a mais importante questão a respeito do nosso chamado. Desafortunadamente, muitos de nós temos nossa compreensão errada sobre esse ponto, e a pregação bíblica acaba sendo uma casualidade.

Eu não me lembro onde colhi este conceito, mas de certa forma, no início do meu ministério, captei a idéia de que a essência de um pastorado bem-sucedido deveria ser batizar um certo número de pessoas, o máximo possível, e alcançar os alvos financeiros, novamente o máximo possível. Com tal agenda, eu não conseguia encontrar muito tempo para a pregação bíblica, e descobri que o trabalho pastoral era menos que gratificante. Na verdade, tornei-me um pouco desiludido, embora eu alcançasse a maior parte dos alvos.

Só depois cheguei à conclusão de que o aborrecimento na vida de muitas denominações, congregações, e na de muitos pastores, começa quando eles aprendem a contar. Contabilizamos batismos, número de membros, contribuições, instituições, como se tudo isso fosse o objetivo primordial. Eu não estou dizendo que Deus seja contra alvos, número de membros, ou mesmo o ato de contabilizar conquistas, desde que tudo isso seja colocado em seu verdadeiro lugar. Parte do problema é que essas coisas acabam se tornando o centro e objetivo da vida de muitos indivíduos, pastores e líderes. Em tais casos, os alvos tornam-se o centro do ministério, que, em conseqüência, tende a se tornar uma máquina empresarial.

Cheguei à conclusão de que muitos de nós temos de dar meia-volta no rumo seguido até então. Precisamos "esquecer" os alvos e movimentar-nos em direção ao ministério. Um pastor tem duas funções primárias: amar o povo de Deus e alimentar as ovelhas de Deus. Há muito tempo temos visto pessoas interessadas na igreja,



primariamente como potenciais candidatas ao batismo (números, estatísticas). Os membros antigos são vistos apenas como "vacas evangélicas" que precisam ser ordeçadas regularmente. Assim, visitamos o povo com uma agenda. De certo modo, o sermão torna-se um instrumento para cumpri-la.

Necessitamos rever nossas prioridades. Pastores são chamados para amar o povo e pregar a Palavra. Noutras palavras, são pagos para amar o povo, estudar a Bíblia e apresentar a mensagem de Deus para Seus filhos. Que privilégio! Que deleite!

Estou firmemente seguro de que quando estabelecemos as prioridades corretas, os alvos e números serão naturalmente alcançados e cumpridos. Muitos membros estão cansados de ser tratados como "vacas evangélicas" na leiteria eclesiástica, e estão frustrados com uma pregação que não é essencialmente bíblica. E a maioria dos que se sentem dessa maneira certamente não tem o desejo ardente de expor a seus amigos e vizinhos algo que lhes é menos que satisfatório. O povo está faminto por genuína pregação bíblica e genuíno cuidado interpessoal. Os membros levarão seus amigos à igreja se eles ouvirem consistentemente a Palavra de Deus habilidosamente proclamada, e se eles tiverem a certeza de que, juntamente com seus familiares e amigos, serão tratados como pessoas e não simplesmente como alvos ou números.

Isso significa que os pastores necessitam visitar membros e interessados, motivados pelo senso de cuidado pastoral, não porque tenham de cumprir algum item de agenda. Para cumprir bem essa tarefa, os pastores também necessitam tornar-se não apenas amantes do povo, mas também da Bíblia a fim de que possam ajudar as pessoas a alegrar-se na jornada através da palavra de Deus. As pessoas virão à igreja onde se sentem genuinamente cuidadas. Apoiarão os programas, levarão os amigos para ouvirem a palavra de Deus e partilhar Sua bondade.

Pregação expositiva envolve estudo bíblico sério e regular. Mas mesmo no estudo, eu temo que muitos de nós muito freqüentemente pulemos de um texto para outro, e nos acomodemos com alguma coisa menos que uma profunda compreensão contextual do texto bíblico. Essa fuga e sua resultante superficialidade serão vistas no púlpito.

A verdade é que, sem um estudo exegético profundo, é impossível apresentar de maneira consistente uma exposição bíblica

em nossos sermões. E acabamos correndo "nos cascos". Quando perseguidos por um texto, não temos escolha senão fugir para o próximo. Em suma, não podemos pregar a Palavra se não a conhecemos. Embora o processo de conhecer a Palavra tome tempo e esforço, ele é o coração do genuíno ministério.

Meu estudo

Nossa grande necessidade é fugir para a Palavra; pois somente assim poderemos ser pregadores mais efetivos. Alguns anos atrás, eu tomei essa decisão em meu coração, para o bem da minha própria vida espiritual e de meu trabalho. Em 1980, iniciei um estudo intensivo da Bíblia, verso por verso, que imaginei levaria 30 anos para completar. Meu primeiro objetivo foi o Evangelho de Mateus, ao qual devotei uma hora por dia, durante um ano completo. Então, seguiram-se onze meses com Gênesis, quatro com Eclesiastes, e assim por diante.

Sem profundo estudo, é impossível apresentar uma exposição bíblica consistente.

Meu método era muito simples. Não apenas tinha às mãos várias traduções e material auxiliar ao estudo do texto, mas também selecionei três excelentes comentários para cada livro da Bíblia. Eu consultava cada um daqueles comentários, diariamente, durante o estudo, não porque eles tivessem a verdade completa, mas porque a competência e sabedoria de seus autores ajudavam-me a desembrulhar o texto de uma maneira sistemática. Eles ajudavam-me a ver coisas que eu freqüentemente passava por alto quando estudava à minha própria maneira. Era algo como sentar com três amigos bem articulados que tinham opiniões diferentes.

Alguns dias trabalhei com quatro ou cinco versos, mas com outros versos eu gastava dois ou três dias, sempre estudando o contexto e em relação a cada propó-

sito do livro da Bíblia. Enquanto eu fugi "para o", em vez de fugir do texto, os meses passaram, e eu comecei a pensar sobre a Bíblia de novas maneiras. Meu caminhar diário com Deus no texto começou a afetar minha pregação e meus escritos.

Nesta altura, eu poderia dizer que meu método é apenas uma das muitas maneiras de procurar compreender a Bíblia. Todavia, não é tanto o método que conta, mas quão fiel e consistentemente damos uma porção de nosso tempo ao estudo sistemático das Escrituras.

Em meu estudo, selecionei cuidadosamente obras que eram altamente recomendáveis por seu aprofundamento textual. Assim, eu levantava algumas questões, pesquisava um pouco sobre elas, enquanto movimentava-me de um livro para outro. Procurei volumes que eram compreensíveis, geralmente fiéis ao texto, de leitura agradável, e não excessivamente grandes (muitos comentários atualmente têm dois ou três grandes volumes por livro bíblico). Pois eu fui atrás do mais individual que pudesse encontrar. E achei vários; alguns me fizeram ver aplicações práticas que muitas obras eruditas nunca exploraram.

Em um nível mais homilético, encontrei várias obras expositivas que trabalham o texto a partir de um ponto de vista mais pastoral.

O dever de estudar

Não importa qual seja o nosso método, estudo consistente da Bíblia é um dever pessoal e pastoral. É algo essencial e não apenas um luxo. Em meu caso particular, essa prática literalmente transformou minha pregação. Quer tenha resultado em uma série de sermões sobre as parábolas de Cristo ou noutra série de 14 semanas sobre o livro de Mateus, tenho desfrutado uma alegria intensa em apresentar a Palavra de Deus. Além disso, as pessoas são alimentadas de uma forma que elas muito desejavam e que não é completa quando simplesmente fugimos de um texto para o outro.

Além dos benefícios sobre a pregação, o estudo sistemático da Bíblia tem influenciado muito os meus escritos.

Eu gostaria muito de me sentar numa congregação, cujo pastor gastasse alguns meses levando-nos, por exemplo, através do livro de Romanos. Mas tal pastor deve ter andado antes, privadamente, com Paulo e seu Senhor, no texto, antes de conduzir-nos em refrigério através dele. O esforço, no entanto, pode ser muitíssimo compensador, para o pastor e sua congregação.

Pastoreando idosos

JUAN MILLANAO O.

*D.Min., Professor no Seminário
Adventista Latino-americano de Teologia
do IAE*



Os idosos são um grupo de pessoas que tende a crescer como grupo social. A ciência médica está conseguindo aumentar a expectativa de vida das pessoas, e a população profissionalmente ativa ganha a cada dia uma quantidade de cidadãos jubilados para manter. Países do primeiro mundo gastam mais recursos com os velhos do que com as crianças. Porém, as exigências econômicas contemporâneas, como a vida urbana, têm possibilitado tempo às famílias, para que cuidem de seus velhinhos.

De acordo com as Escrituras, eles merecem todo o respeito dos crentes e embora não estejam livres de exortação, isso deve ser feito "como a pais" (I Tim. 5:1). Espera-se dos idosos que atuem com sabedoria, aceitando conselhos (Ecl. 4:13), vivendo a altura da experiência que acumularam (Tito 2:2 e 3).

Os idosos estão no centro de um reavivamento da fé entre o povo de Deus. Ele os faz instrumentos para evitar a vergonha do Seu povo (Joel 2:26-28); também recebem o Espírito Santo (Joel 2:28-32).

Em resumo, os idosos da Bíblia ocupam um importante lugar dentro do povo de Deus. Contudo, é reconhecido que inevitavelmente aparecerão limitações físicas, sem

que percam necessariamente o bom juízo. Este é usado muitas vezes em favor dos mais jovens. Cabem então as perguntas: como continuar obtendo o benefício da experiência e sabedoria dos idosos? Conseqüentemente, quem deve cuidar deles?

Dever pastoral

Do pastor espera-se que não apenas esteja consciente dessas realidades, mas que se familiarize com alguns preconceitos sobre os idosos, os quais são expressados em frases de conotação negativa, com o denominador comum de "perda", "saúde precária", "mentalmente ausentes", "personalidade de criança", "irritadiços", etc. O próprio idoso pode repetir a si mesmo e aos outros a idéia de que "sem saúde ninguém é coisa alguma", um conceito nem sempre válido.

Essa idéia é relativa porque os cristãos que aguardam a vinda de Cristo não esperam ter saúde absolutamente perfeita antes desse evento. Ademais, muitos cristãos aprenderam do apóstolo Paulo que, diante de alguma enfermidade, a resposta do Pai amoroso pode ser "Minha graça te basta" (II Cor. 12:7-9). Dessa experiência, Paulo nos ensina que é possível obter sentido para a vida, apesar dos sofrimentos. Finalmente, milhões de pessoas "funcionam apropriadamente" e fazem o mundo marchar, mesmo que não se sintam maravilhosamente bem.

Os idosos acima de 65 anos apresentam condições muito variadas de saúde e personalidade. Há os que devido a alguma enfermidade crônica têm sérias limitações, e aqueles que sentem e agem de modo que podem constituir uma nova família. Algumas mulheres depois dos 65 podem esperar viver mais uns 20 anos. A capacidade mental de pessoas entre 40 e 60 anos pode incrementar-se. É depois dos 60 anos que essa capacidade diminui, ao contrário do que se pensava antigamente.

Por outro lado, é bom lembrar que a fragilidade física é comum nos 80 anos, mas não aos 65. Para muitos que vivem na terceira idade, o calendário diz alguma coisa, mas eles se sentem outra. Aparentemente, vivemos numa época quando a antiga aspiração humana de acrescentar mais anos

à vida tem-se cumprido em parte (Luc. 12:25). Segundo Salomão, a boa vida poderia ir-se com a idade avançada (Prov. 20:29). A variedade de situações é uma das características principais dos anciãos.

A saúde dos idosos não depende unicamente de fatores médicos. A própria atitude da pessoa, o ambiente social no qual vive, e outras variantes sociais e espirituais, fazem com que a saúde de um idoso dependa de seu estado físico e de fatores de conduta. É aqui, na área das atitudes diante da vida que o pastor pode ajudar de forma relevante aos idosos.

Considerações práticas

No desempenho de seu trabalho com os idosos, o pastor deve ter em mente as seguintes responsabilidades que lhe são atribuídas:

Educar a igreja e as famílias com respeito às reais possibilidades e limitações dos idosos.

Educar a família no sentido de assumir sua responsabilidade integral, tipos de cuidados e benefícios, para com um idoso dentro de casa.

Prestar assistência aos idosos que não têm família. Coordenar os esforços do Estado, da igreja e de alguma família com o dom da hospitalidade.

Animar o idoso quanto a avaliar seu próprio estado geral de saúde; apreciar e aceitar as iniciativas de outros agentes em prol de seu bem-estar; envolver-se, de acordo com suas forças, em contribuir para o bem-estar de outros (especialmente os mais jovens).

Lembrar-se de que, "com a idade vem a sabedoria, e com o tempo a compreensão" (Jó 12:12). Essa sabedoria permite ao idoso, entre outras coisas:

Fazer o que pode, enquanto seja possível.

Enfrentar os riscos da vida, sem os quais não haveria estímulos, triunfos, nem vida abundante.

Sem ser teimoso, não permitir que a família o sufoque com cuidados. Ter independência e não ser meros agregados em casa, nem fantoches.

Colocar em ação sua inteligência, antes de compadecer-se de si mesmos.

Procurar ser útil e não simplesmente aceitar que o entretendam.

Não dedicar tanto tempo a "fazer algo" para si ou para outros, mas também para ordenar seus próprios pensamentos e emoções.

Aceitar que, finalmente, o povo o deixe em paz.

Viver sem ter que guardar as aparências.

Retomar a alegria sem ser criança.

Espairecer.

Ficar em casa com um amigo em vez de ir a reuniões enfadonhas.

O pastor pode estar certo de que o problema não é o prolongamento da velhice, mas a sua qualidade.

O papel da família

Não é demais insistir em que o pastor deve levar a família à verdadeira compreensão do seu papel no cuidado dos idosos. Em primeiro lugar, eles devem sentir "a benéfica influência da família". Essa observação inclui os que tradicionalmente não têm sido tão ativos nesses deveres. É tarefa do pastor velar para que a família seja mais empática e solidária. O cônjuge deve assumir a responsabilidade pelo outro. Quando um deles não vive mais, geralmente são as filhas, ou uma delas, que assumem a responsabilidade pelo que ficou. Normalmente é uma filha casada, que deve lutar em duas frentes: cuidando dos próprios filhos e do esposo, e do pai ou da mãe idosos.

Há, conseqüentemente, um agudo desgaste físico e emocional. A carga não é maior, entretanto, pela doença do idoso, mas por fatores interpessoais. Se a relação entre a filha e o dependente ancião não foi boa, tende a deteriorar-se ainda mais nesta etapa.

O ideal é que o casal assuma a responsabilidade mencionada. Receber ajuda do Estado, de outros familiares ou amigos, não desonra os tutores. Ellen White chama a atenção dos jovens a realizar a sua parte: "Há bênção na associação de idosos e jovens." Os jovens podem projetar "esperança e ânimo ao idoso". Por outro lado, também tiram proveito da sabedoria e experiência deles. Especialmente, podem aprender a servir com abnegação. Os filhos devem tratar os pais tendo em vista a regra áurea. Um idoso em casa contribui para que os jovens aprendam e saibam encarar o ciclo da vida e da morte.

A família pode comunicar a um idoso recém-jubilado que está começando uma nova e genuína era da vida. Se o idoso for

considerado inútil, em termos de produtividade, devemos perguntar-nos como estamos educando nossos filhos: simplesmente para que ganhem a vida, ou estamos ensinando a viver?

Diante da viuvez, verificou-se que os viúvos idosos resistem melhor a crise da perda que os jovens. As mulheres viúvas se sobrepõem melhor que os homens.

Em segundo lugar, como tratar idosos no contexto da família? Qual a estratégia geral recomendada? Cada iniciativa deve evitar tanto cair no extremo de dar-lhes tarefas além da sua capacidade, como o da superproteção. Eles podem realizar tarefas caseiras, de acordo com suas forças; devem ser animados a tomar parte nos interesses e ocupações da casa. Isso faz com que eles percebam que ainda conservam sua utilidade, e que sua ajuda é apreciada. A família deve animar o idoso não meramente por compaixão, mas porque está convencida de que realmente ele é útil.

A superproteção não favorece o idoso. Se ele for para a casa de um filho para ficar inativo, sua morte está sendo apressada. Essa estratégia pode projetar o que não procuramos e não desejamos: que perceba que não serve para nada. Em consulta com um médico, deve ser estabelecido um programa de atividades para o idoso. A família poderia reduzir sua ajuda direta alguns dias.

Um idoso pode ficar inabilitado prematuramente quando não recebe nenhuma assistência, como por exemplo, depois de sofrer uma crise aguda de saúde.

A família deve estar consciente da disfunção progressiva dos sentidos do idoso. A perda gradual da audição, por exemplo, é um problema sério. Implica a interrupção da comunicação com os demais. Como não pode estar pedindo repetidamente que lhe repitam frases e palavras, tende ao isolamento. Poderia desconfiar que outras pessoas estejam "cochichando coisas" a seu respeito. A família também se isola porque é difícil comunicar-se com ele.

O idoso sofre de uma surdez seletiva. Isso significa que os tons mais altos são de mais difícil captação do que os tons baixos. Essa perda diferenciada da audição o leva a pedir em algum momento que lhe falem mais forte, para logo depois pedir que não gritem. Pela mesma razão é que os sistemas eletrônicos de audição representam uma vantagem e um problema ao mesmo tempo. Alguns acabam deixando de usar e a família imagina que se trata de mais uma reação senil.

Nesses casos, recomenda-se que o idoso

viva num ambiente com pouco ruído. Uso de tapetes e instalação de janelas com vidro espesso também podem ajudar. Ellen White, mais uma vez com muita sensibilidade, aconselhou os líderes da Obra colocar os obreiros idosos e próximos da jubilação, em lugares de trabalho sem "ruído, agitação, confusão" (*Evangelismo*, pág. 57).

A perda da visão é da mesma natureza da perda de audição. É necessário conhecer a natureza do problema e seguir uma estratégia semelhante à utilizada no caso da audição. Dado que o idoso requer mais luz, recomenda-se usar lâmpadas e não tubos fluorescentes. Deve-se educá-los em como andar em lugares com iluminação escassa e em escadas. O pastor que tem um escritório com iluminação pobre está afugentando o idoso. Se este se mostra inquieto durante uma entrevista não é que seja resistente; apenas tem limitações físicas concretas que devem ser levadas em conta.

O papel da igreja

A igreja, quer possua a imagem de um forte ou de um hospital, tem um papel importante a cumprir, depois da família, no cuidado dos idosos.

Uma de suas funções é educar. O idoso precisa aprender a como cuidar de si mesmo, especialmente na dieta, e a como prevenir a doença.

A igreja pode intensificar seus esforços na atenção integral aos idosos mediante a estrutura e pessoal da Escola Sabatina. O pastor da igreja pode fazer muito pelos idosos, tendo-os em elevada estima. Certo pastor, consciente de que compartilhava a mesma humanidade com os anciãos, visitando um grupo deles pregou sobre Marcos 10:13-16, que relata o incidente envolvendo Jesus, os discípulos e as crianças que Lhe eram trazidas. Não foi difícil aplicar o texto a eles, com base nas seguintes idéias: as crianças estavam no caminho, como um estorvo, na visão dos discípulos; requeriam atenção especial; não podiam oferecer ajuda ao programa de Jesus; não tinham dinheiro para contribuir.

No fim do sermão, os idosos em cadeiras de rodas viram-se a si mesmos na descrição feita sobre as crianças. O pregador não apenas compartilhava a mesma humanidade, mas demonstrou empatia para com eles.

A igreja é um lugar onde o idoso pode se encontrar e interagir com aquelas pessoas as quais conhece e ama. Essas pessoas que fazem parte do seu passado podem animá-lo e ajudá-lo em relação ao futuro.

**Somente
para filhos
de obreiros**

PARTICIPE DESTES CONCURSO E GANHE UMA VIAGEM A TORONTO

NATUREZA DO CONCURSO

*Trabalhos (artigos, quadros, bandeiras, cassetes, bordados) realizados sobre o seguinte tema:
"O caminho da cruz leva ao lar"*

REGULAMENTOS DO CONCURSO

Somente podem participar filhos de obreiros nascidos depois de 1983, cujos pais sejam servidores de tempo integral. Podem ser pastores, capelães, departamentais, instrutores bíblicos, administradores ou professores de Bíblia.

Todos os trabalhos devem focalizar o tema "O caminho da cruz leva ao lar"

O prazo para entrega dos trabalhos é 1º de abril de 1999. Não serão considerados trabalhos entregues fora dessa data. Devem ser enviados para o seguinte endereço: PK Contest, GC Ministerial Association, 12501 Old Columbia Pike, Silver Spring, MD 20904, USA.

Para propósitos de julgamento, o nome do participante não deve aparecer no trabalho. Em lugar disso, deve ser anexada uma folha de papel contendo nome, data de nascimento, endereço, nome dos pais, Divisão e União às quais pertencem, e número de telefone.

Os concorrentes devem criar o trabalho sem auxílio de nenhuma outra pessoa, enviando o original, não a cópia.

Todos os trabalhos devem ser remetidos cuidadosamente. Trabalhos rasurados ou danificados não serão aceitos.

Os trabalhos passam a ser propriedade da Associação Geral e serão exibidos em Toronto, Canadá, por ocasião do Concílio Ministerial Mundial. Nenhum trabalho será devolvido.

Será permitida a apresentação de apenas um trabalho por categoria.

CATEGORIAS DOS TRABALHOS

✓ ARTE

Um quadro original, pintado pelo concorrente
Tamanho mínimo de 20 x 27 cm, e máximo de 28 x 41 cm.
Deixar espaço para colocação do título da revista Ministry.

✓ CARTUM

Os cartuns devem ser uma linha única ou uma série de não mais que quatro linhas relacionadas que contem uma história. Pintar num cartão de 10 x 13 cm.

Montar cada conto em um cartão de papel com 26,6 x 28 cm.

✓ BANDEIRAS E FLÂMULAS

Devem representar o tema por escrita ou imagem.

A imagem deve ser feita manualmente, num tecido.

Use pintura, agulha, tecido, tintas ou materiais semelhantes.

O tamanho mínimo deve ser de um metro de comprimento e de largura; e máximo de três metros, incluindo a margem.

✓ DECLAMAÇÃO/MEMORIZAÇÃO

Escolha uma passagem: Isaías 52:9-53:12; Lucas 23:33-24:9; Romanos 5:1-21.

Use qualquer versão conhecida das Escrituras no idioma de sua escolha.

Recite a passagem de cor. Seu trabalho será julgado pela memorização da passagem e sua habilidade para captar a atenção dos ouvintes.

Grave em fita cassete.

✓ ARTIGO

Os artigos devem responder a uma ou duas destas questões: Como o fato de que Jesus deixou o Céu, tornou-Se humano, e morreu como um criminoso faz a diferença em sua vida? Como isso afeta seus pensamentos, ações e alvos? O que o sacrifício de Cristo lhe fala a respeito de Deus: Ele é, ou parece que é? Como a vida e a morte de Cristo ajudam você a compreender o pecado? Como tudo isso ajuda você a se relacionar com outras pessoas, especialmente aquelas que discordam de você? Como a vida e a morte de Cristo lhe dão esperança, aqui, e lhe guiam para o lar?

Não use muitas citações de qualquer fonte. Use uma ou mais histórias pessoais para ilustrar suas idéias.

Escreva entre 750 e mil palavras.

Digite ou faça um manuscrito com espaço duplo.

Use o título seguinte: "O caminho da cruz leva ao lar: o que isso significa para mim?"

Você pode discutir suas idéias com seus amigos, familiares, professores, ou pastores. Eles podem dar sugestões, corrigir a gramática, ou a ortografia, mas não podem escrever, revisar, nem reescrever.

Conte a sua história; não a de outra pessoa.

✓ TRABALHO DE COSTURA

Exceto pelas idéias, o trabalho deve ser seu, originalmente. Poderão concorrer: trabalhos de crochê, bordados em tecidos, em lã, almofadas, tricô, aplique e renda.

O tamanho mínimo é de 10 x 10 cm; e o máximo, 61 x 122 cm.

O material deve ser típico do seu país.

Esse trabalho será julgado pela originalidade, uso de materiais, nitidez, e quão bem ele capta o tema.

A força do evangelismo



Igreja Central de Manaus, AM

T independente do método utilizado, a tarefa missionária da Igreja Adventista do Sétimo Dia vai sendo executada com sucesso. Através do trabalho pessoal, pequenos grupos, editoras, instituições de saúde e educacionais, corações são alcançados pela mensagem de Cristo, vidas são transformadas, e novos núcleos de crentes são estabelecidos.

Nesse trabalho, o evangelismo público ainda desempenha um papel fundamental. Além de ser um instrumento gerador de conversões em massa, ele fortalece e transforma as congregações envolvidas numa campanha, fazendo reavivar nelas a chama do verdadeiro discipulado. Não há dúvida de que, após envolver-se numa campanha de evangelismo público, uma igreja nunca mais será a mesma de antes.

Exemplo disso é o que aconteceu nas igrejas centrais de Campinas, SP, e Manaus, AM, nos últimos doze meses. Uma observação atenta desses dois casos demonstra que assim como os novos conversos, as igrejas também nasceram de novo; os membros antigos renovaram sua confiança na missão da Igreja, os novatos

reafirmaram e aprofundaram suas convicções; inconstantes e indecisos foram motivados a tomar decisões sólidas; irmãos afastados encontraram um momento favorável para retornar à casa paterna, e o aproveitaram muito bem.

As duas campanhas, realizadas como Seminário Paz para Viver, tiveram a duração de 30 dias, cada uma, sendo dirigidas pelo Pastor José M. Viana, secretário ministerial associado da Divisão Sul-Americana da IASD. Em Manaus, o movimento, que serviu como celebração do 50º aniversário da igreja central, começou no dia 25 de agosto último e teve a participação direta da equipe do Hospital Adventista local.

Os números finais dessas duas campanhas são expressivos: cada uma delas atraiu mais de 100 novos crentes. Na capital amazonense, houve a conversão de um pastor evangélico, o que favoreceu a abertura das portas de sua antiga igreja à realização de uma outra campanha evangelística, iniciada no dia 25 de outubro.

Receitas do sucesso

As experiências bem-sucedidas de Campinas e Manaus não são fruto do acaso, mas resultado da direção divina somada a um trabalho adequadamente planejado, bem estruturado, e multiplicada pelo empenho incansável de várias equipes de pequenos grupos, obreiros bíblicos, membros da igreja e profissionais de saúde.

A fase preparatória foi iniciada seis meses antes da etapa de proclamação. O primeiro grupo a cair em campo foi o dos obreiros voluntários e pequenos grupos, que passaram a visitar todas as pessoas inscritas nos diversos cursos bíblicos, ouvintes de *A Voz da Profecia* e do *Está Escrito*, pais de alunos das escolas adventis-



Pastor José M. Viana: seminário evangélico na capital amazonense

tas, clientes da Garantia de Saúde, membros afastados, etc.

Outras equipes foram formadas para o desempenho de tarefas como oração intercessória, comunicação e propaganda, recepção, decoração, sonoplastia, música, multimídia, cerimonial e tesouraria.



Colheita do Seminário Paz Para Viver, em Manaus

O plano de divulgação da campanha combinou diferentes veículos e ferramentas de publicidade: Rádio e televisão, mala direta, cartazes, convites e volantes. Em Campinas, por exemplo objetivava-se alcançar principalmente o público elitizado, residente nas cercanias da igreja central, localizada bem próxima da prefeitura. Para isso foram gravadas fitas cassetes com a mesma mensagem veiculada no rádio e na televisão. As fitas foram entregues nas residências e prédios. O resultado foi positivo.

Informação é uma palavra chave para o adequado direcionamento de uma campanha: quantas pessoas estiveram presentes? Quem são? Quantas retornaram? Quantas estão assistindo regularmente? Para dar essas respostas, o Seminário Paz para Viver contou com um sistema de recepção com cadastramento diário de cada visitante, utilizando leitores de código de barra e crachás. Ao final de cada noite, o sistema emitia um relatório que permitia direcionar o trabalho de visitação dos obreiros.

Com o avanço tecnológico dos dias atuais, não se pode realizar uma campanha de evangelização usando recursos desatualizados. É aí que entra a importância da multimídia. Câmeras e telões no auditório, trabalhando em planos fechados, aproximam o orador do público. Imagens ilustrativas, textos bíblicos e gráficos reforçam as palavras do orador e ajudam na fixação das mensagens. No caso de Manaus, o uso dessa tecnologia permitiu resolver um fator crítico: a falta de espaço no auditório do templo. Instalou-se um sistema de som e telão na quadra poliesportiva da escola anexa à igreja, formando ali um outro auditório.

Quando a liderança do Campo, o pastor distrital e a liderança da igreja local pro-

movem o evangelismo público, os resultados são certos. Conversões acontecem em poucas semanas, e o efeito disso é muito forte. Os membros passam a crer no evangelismo como centro da missão da Igreja, deixam-se motivar e integram-se ao trabalho. Em contrapartida, sem evangelismo público, os membros simplesmente perdem de vista o sentido de urgência missionária. – Rui Barbosa da Costa, jornalista em Manaus, AM, e Gerson Pinto, publicitário em Campinas, SP.

Teoria e prática



Durante os dias 30 de outubro a 1º de novembro, aproximadamente 3.500 pessoas lotaram o campus do Instituto Adventista de Ensino do Nordeste, Iaene, em Cachoeira, BA, para uma Campal e um Campori de desbravadores da região. Com a presença de líderes da União Nordeste-Brasileira e da Associação Bahia, o encontro foi enriquecido com seminários ministrados por professores do Seminário de Teologia, testemunhos missionários e muito louvor.

A Campal foi precedida pela realização de 21 séries evangelísticas iniciadas em setembro, acrescidas de dez semanas de decisão, lideradas por alunos de Teologia, orientados pelo Professor Emílio Abdala. Desde o mês de março, a Missão iaenense equipou e treinou os membros das congregações que receberiam os pregadores, no sentido de atrair interessados através do relacionamento pessoal e do trabalho de pequenos grupos.

Pregando em tendas, auditórios comunitários e templos, os alunos atuaram nos distritos de Alagoinhas, Cruz das Almas, Catu e Santo Antônio de Jesus. Ao final da campanha, 268 pessoas foram batizadas por ocasião da Campal, cujo orador principal foi o pastor José M. Viana. Até novembro, foram batizadas 404 pessoas. Vários testemunhos comoveram os presentes, como o relato da conversão de um homem que, tendo sonhado com a vinda de Cristo, ao passar em frente a um dos auditórios, reconheceu o som do hino cantado como a música que ouvira no sonho. Entrou, ouviu a mensagem, continuou estudando a Bíblia e foi batizado.

Em 1997, a mesma programação foi realizada na Missão Sergipe-Alagoas, e resultou no batismo de 560 pessoas.

A espada de Pérgamo

ALMIR A. FONSECA

*Ex-editor de Ministério, jubilado,
reside em Tatuí, SP*



A carta que o anjo da igreja de Pérgamo recebeu fala a respeito de uma espada. Não se trata de uma espada qualquer, mas de uma arma que, além de ser pontiaguda como as demais, é dotada de dois fios, significando que tem condições de cortar de ambos os lados. "Ao anjo da igreja em Pérgamo escreve: Estas coisas diz Aquele que tem a espada afiada de dois gumes", ordenou Jesus que João informasse.

Uma vez que já sabemos que a maneira de Jesus Se apresentar a cada igreja tem relação com o problema que ela está enfrentando, poderemos desejar saber que espécie de problema estava en-

frentando a igreja de Pérgamo. O que estaria ocorrendo com aquela comunidade, para que Jesus a ela Se dirigisse usando a figura de uma arma de guerra dotada de poder tão destruidor, pelo menos naquela ocasião?

A leitura da carta justifica a espécie de linguagem utilizada por Cristo. Ao abrir a carta que Lhe foi endereçada, aquela igreja deve logo ter associado as palavras nela contidas à sua história, tanto contemporânea quanto antiga. Com respeito à história contemporânea, Roy A. Anderson informa que a cidade "foi elevada a capital da província da Ásia, quando Átalo III, último rei da dinastia atálica, deixou o seu reino para Roma em 133 a.C. Os procônsules que aí reinaram foram investidos com um símbolo de autoridade representado numa grande espada de dois gumes. A suprema corte da província também estava aí localizada" (*Revelações do Apocalipse*, pág. 34). Do ponto de vista da história recente de Pérgamo, portanto, as palavras que Jesus usou eram bastante familiares.

Mas talvez houvesse outro motivo para que Jesus tivesse iniciado a carta falando de espada. Esse motivo era mais moabita do que romano. Na reprovação feita à igreja, Jesus condena duas doutrinas que estavam sendo seguidas, uma das quais bem conhecida dos israelitas. Recebeu ela o nome de "doutrina de Balaão", pelo fato de assumir aspectos semelhantes aos que foram seguidos por aquele ambicioso profeta. Com respeito à outra filosofia, embora menos conhecida dos hebreus do tempo de Moisés, ou mesmo completamente estranha para eles, era bastante perigosa para os cristãos do tempo de João. Dela escreveu W. M. Ramsay: "É altamente prová-

vel que os nicolaitas tivessem já chegado, ou chegariam em breve, à conclusão de que podiam justificadamente fazer face aos correntes testes de lealdade e queimar um pouco de insenso em honra do imperador ... Seus ensinamentos eram seculares, sensuais, diabólicos." (*Idem*, pág. 37).

Com referência à doutrina de Balaão, o texto bíblico explica que se tratava de uma doutrina segundo a qual este personagem bíblico "ensinava Balaque a armar ciladas diante dos filhos de Israel, para comerem coisas sacrificadas aos ídolos e praticarem a prostituição" (Apoc. 2:14). É uma referência àquilo que se encontra registrado no livro de Números 25:2, o que levou Deus a tomar enérgicas providências contra os desobedientes.

A história de Balaão ocupa vários capítulos do livro de Números, como também alguns versos espalhados pelas Escrituras. É uma bela história de como Deus cuidou do Seu povo no passado, nela existindo até profecias a respeito de Jesus. De modo especial, desperta a atenção do leitor a descrição dos sete altares que foram edificados com o propósito de fazer com que Deus mudasse de idéia com relação aos israelitas.

Mas, com certeza, tem significado especial a conversa de Balaão com a sua jumenta, enquanto viajava para encontrar-se com o rei dos moabitas. Estamos lembrados de que, ao receber "permissão" para ir com os mensageiros de Balaque, Balaão montou em sua jumenta e partiu. Logo depois, o animal começou a desviar-se do caminho e a tomar outras atitudes, as quais provocaram a ira de Balaão. Tudo ficou esclarecido, no momento em que o recalcitrante profeta ficou sabendo que um anjo

estava com uma espada em punho, pronta para tirar-lhe a vida.

Os seguidores da "doutrina de Balaão", que faziam parte da igreja de Pérgamo, certamente se recordavam desse acontecimento; e não tardaram a estabelecer ligações entre a espada a que Jesus Se referiu, e aquele que deixou estarecido o profeta. O apelo para que se arrependessem não era mais cordial do que o consentimento dado a Balaão para prosseguir: "Arrepende-te; e se não, venho a ti sem demora, e contra eles pelejarei com a espada da minha boca." (Apoc. 2:16).

Ao que parece, Balaão entendia bem a linguagem da espada. Talvez por isso, Deus enviou um anjo armado com um instrumento desse tipo. Momentos antes de ser ameaçado pelo mensageiro celeste, Balaão desejou ter na mão uma espada, pois assim poderia fim à vida do seu animal. "Tivera eu uma espada na mão e, agora, te mataria" (Núm. 22:29), ameaçou ele a sua jumenta.

Assim, a espada que Balaão desejou ter e que não teve, e a que não esperava ver e viu na mão do anjo, formavam um pano de fundo que os membros da igreja de Pérgamo não tardaram a decifrar. Jesus estava falando de um assunto conhecido, quando lhes falou de Balaão e de espada.

Poderá ter-lhes, contudo, causado alguma estranheza o fato de a espada de que Jesus lhes falava ter dois gumes. Jesus, porém, precisava fazer uso dessa figura; pois, enquanto no caso de Balaão, uma espada

comum resolveu o problema daquele vidente, ou seja, a "doutrina de Balaão" foi enfrentada com uma só espada, no caso de Pérgamo a espada precisava ter dois gumes; pois havia duas doutrinas: a "doutrina de Balaão" e a "doutrina dos nicolaitas". Jesus lhes falou dessa espada.

Dois gumes

Podemos encontrar, na carta enviada a Pérgamo, uma sugestão sobre a maneira como Jesus Se comporta e como haverá de comportar-Se no futuro, com relação às falsas doutrinas, ou às doutrinas que têm em vista levar as pessoas a se afastarem de Deus. Todas as vezes que Cristo usa o símbolo de uma espada, ao entrar em choque com as forças do mal, essa espada sai-Lhe da boca, e corta de ambos os lados. Em Apocalipse 19:15, onde se fala do desfecho final da disputa entre a verdade e o erro, encontramos de novo Jesus usando essa "aguda espada", para desbaratar as forças do mal. "Sai da Sua boca uma espada afiada para com ela ferir as nações", diz a primeira parte do verso.

Pelo fato de nos conflitos travados por Cristo contra os Seus inimigos, aparecerem termos que sugerem derramamento de sangue, poderá parecer que a espada que ele usa seja literal. Na realidade, porém, trata-se de uma espada simbólica. Em muitas ocasiões, as Escrituras usam essa figura para designar a Palavra de Deus, como

acontece em Efés. 6:17, onde lemos: "Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus." Com certeza, um dos textos que mais claramente falam dessa comparação da espada com a palavra é Hebreus 4:12. Nele, o autor considera a Palavra de Deus como mais "penetrante do que espada alguma de dois gumes". Naturalmente, em se tratando de espada literal, esta não pode atingir "juntas e medulas"; e, menos ainda, "alma e espírito". A Palavra de Deus, porém, consegue discernir até "pensamentos e intenções do coração".

A promessa que Jesus faz à igreja de Pérgamo, de batalhar contra as doutrinas por ela seguidas, usando uma espada que Lhe sai da boca, mostra que o conflito é de natureza verbal. Doutrina é algo que demanda a elaboração de alguma tese. Há certos postulados defendidos pelos seguidores de uma doutrina. Ela poderá até receber a proteção do poder temporal. Suas teorias, porém, ainda que às vezes descabidas, são inculcadas através de palavras. E, se o problema é de palavras, a Palavra de Deus – a espada de dois gumes – penetra mais fundo. Ela pode destruir, se o pecador for relutante; mas pode, principalmente, dar vida; pois remove da alma o que está em oposição à vontade de Deus.



Maná, pedra e novo nome

A julgar pelo significado do seu nome – “elevação” – Pérgamo devia estar preocupada com sua posição social. Devia existir, entre os membros da igreja, aqueles que estavam sendo fascinados por coisas materiais que chamassem a atenção das pes-



soas. Ou pode ser também que estivesse havendo certa relação entre a doutrina de Balaão e o lugar no qual esse profeta se esforçou para “render culto” a Deus. Os altares construídos por Balaão, a pedido de Balaque, ocuparam os “altos de Baal” (Núm. 22:41). Havia uma preocupação em ocupar lugares elevados, os quais serviam de santuário ao deus dos moabitas.

A mensagem ao vencedor da igreja de Pérgamo tinha um propósito totalmente oposto, a saber, mostrar que Deus “escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes”. Por isso, enquanto a doutrina de Balaão “ensinava Balaque a lançar troços diante dos filhos de Israel, para que comessem dos sacrifícios da idolatria”, sacrifícios que, certamente, distinguiam-se pela exuberância, Jesus fala em dar aos vitoriosos de Pérgamo o “maná escondido” (Apoc. 2:17).

O qualificativo “escondido”, aqui ligado à palavra maná, parece não ter apenas o propósito de lembrar a ordem dada por Moisés, para que fosse preservado um pouco daquela substância (Êxo. 16:33), mas a finalidade de falar de alguma coisa que não aparece muito. O maná, um alimento simples, embora o melhor para a ocasião, recebe uma qualidade que o ajuda a tornar-se mais singelo ainda; embora sem perder o seu significado. Em contraposição aos propalados sacrifícios feitos a Baal, temos a promessa do maná escondido.

Da mesma forma que o “maná escondido”, a contemplação do vencedor com uma pedra branca e um nome que ninguém conhece, parece estar em oposição aos sentimentos de grandeza de alguns membros da igreja de Pérgamo. Em geral, só conferimos verdadeiro valor às coisas ao conhecermos o significado destas. De acordo com a perspectiva divina, essas três coisas são grandemente valiosas. Poderão, entretanto, ser destituídas de valor, para quem delas esteve sempre distante. O membro da igreja de Pérgamo precisava ser vitorioso, a fim de que fosse capaz de valorizar coisas que para eles não tinham sentido antes. Era preciso deixar de “comer os sacrifícios da idolatria”, e “comer do maná escondido”.

Merece uma palavra de consideração, pelo fato de estar em íntima ligação com o espírito da igreja de Pérgamo, a expressão

“trono de Satanás” (Apoc. 2:13). Como estamos procurando mostrar, havia naquela igreja uma preocupação com grandeza, com coisas que chamassem a atenção. Preocupar-se com coisas elevadas não é pecado, mas passa a ser um erro quando tem a finalidade de promover-nos, de exaltar a nós mesmos. Quando o coração se exalta, torna-se um trono no qual Satanás se assenta confortavelmente.

O profeta Isaías descreveu de maneira muito clara o desejo de Satanás, de estabelecer o seu trono: “Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao Céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono.” (Isa. 14:13). O coração de Satanás, indica o profeta, estava atraído por um trono e este deveria estar numa posição o mais elevada possível. Havia o desejo de exaltação. E, certamente, devia ser este o sentimento de alguns membros da igreja de Pérgamo. Curiosamente, eles conservavam o nome de

Cristo e não negavam a fé nEle, a ponto de haver quem estivesse disposto, entre eles, a morrer por Cristo (Apoc. 2:13); contudo, Satanás ali habitava.

É interessante lembrar que, atitudes semelhantes foram também reveladas por Lúcifer no Céu. Pelo visto, não estava descontente com o

A palavra de Deus
tanto destrói o
pecado, como dá
vida ao pecador.

lugar no qual se encontrava, pois fazia planos para ali continuar. Queria até mesmo entronizar-se acima das estrelas de Deus. Era a posição, que julgava inferior, que lhe causava desconforto. Ellen White escreveu com relação a ele: “Pouco a pouco Lúcifer veio a condescender com o desejo de exaltação própria... Não contente com sua posição, embora fosse mais honrado do que a hoste celestial, arriscou-se a cobiçar a homenagem devida unicamente ao Criador. Em vez de procurar fazer com que Deus fosse o alvo supremo das afeições e fidelidade de todos os seres criados, consistiu o seu esforço em obter para si o serviço e lealdade deles.” (*Patriarcas e Profetas*, pág. 35).

Na verdade, Lúcifer não precisaria ir até às “estrelas de Deus”, para aí estabelecer o seu trono; pois este já estava estabelecido no seu interior. O descontente não precisa ir muito longe em busca de satisfação dos seus interesses, visto que estes moram com ele; e o fazem sempre infeliz, quando não são atendidos.



A chegada de uma carta, dias atrás, colocou-me no meio de um conflito emocional. Sua autora era uma mulher cujo marido tinha morrido recentemente. Eis um pedaço da sua queixa: "Meu esposo era muito depressivo. O psiquiatra do hospital enviou-o a uma clínica especializada, mas ele queria morrer em casa. Em março ele foi para casa, e, dias depois, para a clínica. Segundo o capelão, ao ser informado do caso, nosso pastor quis saber qual era a condição física do meu marido... Pastores da Associação sempre perguntavam se ele o tinha visitado, ou telefonado, e eu ficava embaraçada cada vez que respondia negativamente. Somente no dia 9 de agosto recebemos a visita do pastor. Fiquei viúva uma semana depois."

Enquanto eu lia a carta, vieram à mente episódios de minha própria negligência como pastor. Estou bem ciente das barreiras irresistíveis de necessidades e demandas que algumas vezes se impõem ao pastor. E também sei que, com certa frequência, especialmente em uma igreja grande, o pastor só vai saber que alguém esteve num hospital, depois que já recebeu alta. Parece que não há um modo infalível de saber que um membro esteve hospitalizado, até porque o paciente pode ficar internado por muito pouco tempo.

Também sei que é fácil tornar-se absorvido por muitos projetos e atividades admi-

Cuidado pastoral

nistrativas importantes, enquanto vêm à mente a lembrança de que há pessoas que realmente necessitam ser visitadas ou, pelo menos, de uma chamada telefônica.

Há, em várias partes do mundo, uma tendência crescente de minimizar a visitação pastoral. Isso pode ser visto tanto entre os fiéis como entre os pastores. Alguns membros querem ser visitados, outros não se importam com isso. Esse é o cenário da visitação pastoral. Em todo o caso, faz-se o que o povo deseja. Mas o que realmente se espera do pastor? É mais fácil tomar o curso de ação menos agressivo, especialmente se o povo tende a ser exigente ou crítico.

Entretanto, devo ser honesto e dizer que também sei que algumas vezes nós pastores simplesmente nos deixamos levar. Conheço o bastante da vida pastoral para dizer que freqüentemente nos sujeitamos, e a nosso povo, à nossa própria negligência. Se isso é verdade com respeito a você e a mim, devemos simples e inequivocamente admitir nossa falha e fazer algo. Não podemos fazer desse tipo de pastorado um estilo de vida. Devemos ser honestos e admitir para nós mesmos e diante de Deus, que desejamos realizar um completo, rico e genuinamente efetivo ministério, pois tal negligência é inconcebível. Sim, porque somos pastores cristãos encarregados pelo cuidado do nosso rebanho, que luta com o sofrimento.

Recentemente observei meu pai defrontando-se com a morte. Ele era bravo e forte, e estava equipado com as melhores armas para enfrentar esta última batalha. Mas notei nele um sofrimento e uma perplexidade jamais vistos. Estava silencioso e retraído, impaciente e preocupado, depressivo; características que ele não possuía antes. Ele estava fazendo o que qualquer pessoa em sua situação faria – concentrar-se na luta com a inexorável presença da morte e tudo o que essa expectativa traz consigo.

Alguns familiares poderiam ajudá-lo,

mas também tinham suas lutas e, ao lado disso, seria extraordinariamente bom para ele, e para nós também, ter o seu pastor envolvido na situação.

Quando alguém está doente, quando o filho adolescente enfrenta problemas, quando se perde o emprego ou se é vítima da infidelidade conjugal, a pessoa necessita da sensata compreensão de um pastor verdadeiramente cristão, que ponha dentro do coração sofrimento e conforto e a força de Cristo, e saiba, mesmo hesitante, administrar a sua angústia. Foi exatamente para isso que fomos chamados. Há mais necessidade de pastoreio do que apenas de visitação. Na verdade, pastorear é evangelizar. Ministério real é tocar o coração de um filho como o da mãe que chorava em Naim, e seguir o nosso caminho para chorar com outras Marias e Martas. É encarnar a dor, a angústia, as perdas, as frustrações e a tristeza do nosso povo.

Para cumprir com eficiência esse ministério, preste atenção a estas sugestões: Escreva refletidamente os princípios e prioridades que definirão sua vida ministerial. Sobre essa base, tome dez a 15 minutos, pela manhã, para planejar as atividades do dia. Relacione tarefas específicas. Com seus desafiantes cuidados pastorais em mente, tenha um quadro bem claro do que você fará neste dia, a quem planeja visitar e com que objetivos. Alegre-se no sentimento de realização e comprometimento que experimentará enquanto você faz o trabalho.

Seja agressivo no melhor sentido. Devemos ser adaptáveis, vigilantes quanto aos requerimentos de Deus e às necessidades do povo, mas também devemos ter as mãos no leme de nossa vida e ministério. Esse controle deve resultar do que você crê, do que você é, dos dons que possui, mas também da certeza de que Deus o chamou para ser um pastor. Essa é a conscientização de que necessitamos para permanecer em Sua presença cada dia. – *Willmore Eva.*



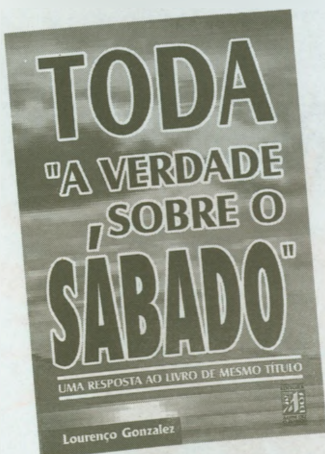
REALIZE SEUS SONHOS – David Seamands, Editora Betânia, Venda Nova, MG, 159 páginas.

Os sonhos são uma ferramenta importante que Deus usa para realizar seus propósitos na vida de Seus filhos. A dificuldade é que nem sempre é possível concretizá-los como foram imaginados. Insatisfação, frustração e senso de derrota são os resultados, às vezes. O que Da-

vid Seamands descobriu é que os nossos planos precisam amadurecer, passando por provas e reformulações.

SE EU COMEÇASSE MEU MINISTÉRIO DE NOVO – John M. Drescher, Editora Cristã Unida, Campinas, SP, 106 páginas.

Uma recordação de dezesseis verdades que o ajudarão a revitalizar seu ministério. O autor oferece disciplinas espirituais que farão com que o trabalho pastoral seja mais centralizado em Cristo e mais capacitado pelo Espírito Santo. Identifica erros do passado e, a partir daí, mostra como renovar um ministério eficaz. Uma reflexão pastoral sobre o relacionamento com a igreja e com o rebanho.



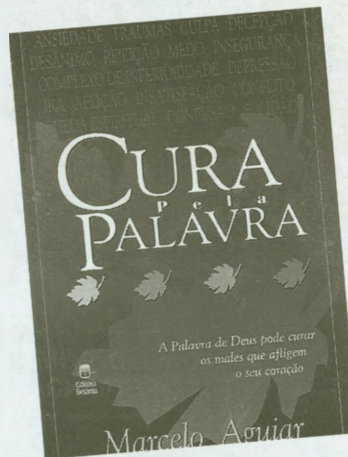
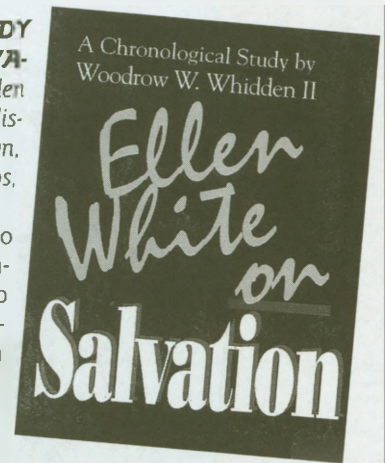
“A VERDADE SOBRE O SÁBADO” – Lourenço Gonzalez, Editora Ados, Niterói, RJ, 89 páginas.

Com um texto claro, conciso, agradável, ágil e fundamentado nas Escrituras, Lourenço Gonzalez insiste na correta interpretação bí-

blica sobre a santidade do sábado e a necessidade de sua observância ainda hoje. Material apropriado para uso em classes bíblicas, estudos bíblicos pessoais e leitura.

A CHRONOLOGICAL STUDY BY ELLEN WHITE ON SALVATION – Woodrow W. Whidden II, Review and Herald Publishing Association, Hagerstown, MD, 21740, Estados Unidos, 160 páginas.

Ellen G. White, ao contrário do que muitas pessoas pensam, é um ponto de equilíbrio na compreensão dos vários assuntos dentro da teologia da salvação. Para quem advoga a necessidade de perfeição, ela é uma alma mater. Aos que focalizam a justificação ela se apresenta como sua defensora. Agora Woodrow W. Whidden II ajuda a reconstruir exatamente o que a Sra. White pensava sobre o assunto da salvação, e como seus ensinamentos sobre justificação e perfeição floresceu em diferentes épocas. O leitor também obterá uma clara visão da sua compreensão sobre a humanidade de Cristo, bem como da expiação. A abordagem de Whidden é consciente e precisa. Ele partilha a convicção de Ellen White de que a salvação e perfeição de caráter não são questões superficiais, mas de grande urgência.



CURA PELA PALAVRA – Marcelo Aguiar, Editora Betânia, Venda Nova, MG, 184 páginas.

O autor vai levá-lo a descobrir o maravilhoso poder terapêutico da Palavra de Deus, apresentando princípios que abençoam, curam e transformam. Você conhecerá a vida de personagens da Bíblia que tiveram uma profunda experiência de restauração das feridas emocionais através de uma

palavra proferida por Deus. Os princípios apresentados tanto podem ser aplicados na vida pessoal do pastor, como podem servir-lhe de instrumento na tarefa de aconselhar pessoas da sua comunidade.

Você precisa...

e sua Igreja também!



Tempo de curar

A Revista Oficial da Igreja

Ligue Grátis
0800-552616
Para Assinar



Casa
Publicadora
Brasileira